

The background features a soft watercolor wash. The upper portion is a light, dusty pink, which transitions into a vibrant, slightly darker pink. Below this, there is a broad, horizontal band of teal and light blue, also with a soft, painterly texture. The bottom of the image returns to a clean, white background.

O OUTRO EU



**FACULDADE SANTA MARCELINA  
GRADUAÇÃO EM MODA**

**PATRÍCIA CORDEIRO**

**O OUTRO EU:**

A moda através das questões de gênero infantil

**SÃO PAULO**

**2017**



**PATRÍCIA CORDEIRO**

**O OUTRO EU:**

A moda através das questões de gênero infantil

Monografia apresentada à Faculdade Santa Marcelina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Moda.

**Área:** Estilismo na Moda

**Orientadoras:** Prof<sup>ª</sup> Ms. Simone Mina e Prof<sup>ª</sup> Ms. Eliana Godoy

**SÃO PAULO**

**2017**



# AGRADECIMENTOS

Há algum tempo aprendi que não existo no singular, somente no plural: eu não sou, eu somos. E justamente por isso, gostaria de agradecer às pessoas que me ajudaram nessa jornada de 4 longos e trabalhosos anos.

A Deus, primeiramente, pois sem ele eu não nada seria.

A minha mãe, pelas inúmeras assistências, me apoiando e sendo apenas quem ela é. Ao meu irmão, por ter sido meu modelo desde o 3º ano e por ser tão orgulhoso de ter uma irmã que desenha.

A minha tia Maria, que me ajudou nos primeiros anos da faculdade.

Ao meu namorado, que aguentou todas as crises e desesperanças que tive, me incentivando e me dando ideias, meu assistente.

A minha costureira Dona Maria, que deu forma e vida as minhas ideias.

Aos meus colegas e amigos de ontem e de hoje, sem o qual eu não seria ninguém. Em especial a minha amiga Marina, que me deu à luz para me inscrever no vestibular.

As pessoas que ajudaram, direta e indiretamente neste trabalho.

Aos meus professores, durante todos esses anos contribuíram para o meu crescimento com ensinamentos valiosos.

E finalmente, para as minhas professoras orientadas, Simone Mina e Eliana Vieira Godoy, que tiveram toda a paciência de ouvir, auxiliar, tranquilizar e descomplicar ao longo de todo o ano.

Obrigada, muito obrigada!

# RESUMO

Este trabalho aborda as questões de gênero trazendo à tona às memórias de um transformista, enfatizando a criança que este foi (“o outro eu”). Após a investigação do relato e da infância, faz-se uma analogia da infância com as lagartas (consideradas bichos feios e nojentos por algumas crianças em São Carlos/SP) que passam por um longo ciclo e se metamorfoseiam em borboletas (insetos apreciados por sua beleza). Ao vivenciar em comunidade, a autora sente a necessidade de aprofundar-se e apresentar as atitudes corriqueiras nos grupos de crianças de bairro e após um longo estudo sobre gêneros, desenvolve uma coleção de moda infantil que tem como objetivo tratar de forma delicada e sutil este assunto. Que conta com as formas e estética do inseto em sua fase larval, com o casulo e com a borboleta. Esta conta o principal método de pesquisa a quantitativa, desenvolvendo: mapa mental, referências, estudo e harmonia de cores, estudo de formas, esboços, croquis e line up, modelagem, costura, prova de roupa, ajustes etc.

**Palavras chaves: Moda. Gênero. Memória. Infância.**

# ABSTRACT

This work addresses gender issues by bringing to the forefront the memories of a transformist, emphasizing the child that this was (“the other self”). After the investigation of the story and childhood, an analogy is made of childhood with caterpillars (considered ugly and disgusting by some children in São Carlos/SP) that go through a long cycle and metamorphose into butterflies (insects appreciated for their beauty). When living in a community, the author feels the need to deepen and present common attitudes in neighborhood children’s groups and after a long study on genders, develops a collection of children’s fashion that aims to treat in a delicate and subtle way this subject matter. Which counts on the forms and esthetics of the insect in its larval phase, with the cocoon and with the butterfly. This account counts the main quantitative research method, developing: mental map, references, study and harmony of colors, study of forms, sketches, sketches, sketches and line up, modeling, sewing, proof of clothes, adjustments etc.

**Keywords: Contemporary Fashion. Genre. Memory. Childhood. Butterfly.**

# LISTA DE IMAGENS

---

Imagem 1: Escola na Barra da Tijuca separa meninos e meninas.....	p.17
Imagem 2: Autor desconhecido.....	p.20
Imagem 3: Colagem de autorretrato, por Hockney.....	p.22
Imagem 4: Meu amigo Jim, Kitty Crowther.....	p.25
Imagem 5: Paullete Pink.....	p.28
Imagem 6: Editorial Mango.....	p.33
Imagem 7: montagem autoral - painel público alvo.....	p.36
Imagem 8: Mapa mental.....	p.39
Imagem 9: Painel imagético.....	p.40
Imagem 10: caderno de experiências.....	p.41
Imagem 11: caderno de experiências.....	p.42
Imagem 12: caderno de experiências.....	p.43
Imagem 13: caderno de experiências.....	p.44
Imagem 14: cartela de cores.....	p.45
Imagem 15: extração de cores.....	p.46
Imagem 16: extração de cores.....	p.47
Imagem 17: extração de cores.....	p.48
Imagem 18: harmonia de cores.....	p.49
Imagem 19: caderno de experiencias.....	p.49
Imagem 20 e 21: processo de construção mochila.....	p.74
Imagem 22: calçados Cherry by boaonda.....	p.76
Imagem 23: casting.....	p.78
Imagem 24: Painel de beleza.....	p.81
Imagem 25: Banca interna.....	p.103
Imagem 26: projeto banca externa.....	p.104

# LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

---

Art

ONU

**LGBT**

Transgeneros

Artigo

Organização das nações Unidas

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e

# SUMÁRIO

Introdução .....	12
CAPÍTULO 1	
A Educação.....	16
O Pais.....	19
O Corpo.....	22
O Centro e o Excentrico.....	24
A Constituição da identidade infantil .....	26
O outro Eu .....	28
CAPÍTULO 2	
Área e Segmento .....	32
Moda Contemporânea .....	33
Público Alvo .....	35
CAPÍTULO 3	
Processo Metodológico .....	38
Painel Imagético .....	40
As Formas .....	41
A Lagarta .....	41
O Casulo .....	43
A Borboleta .....	44
As Cores .....	45
Harmonia de cores .....	49
Os Tecidos .....	50
Os Aviamentos .....	52
As Maquetes .....	53
Maquete 1 .....	53
Maquete 2 .....	54
Maquete 3 .....	55
Maquete 4 .....	56
Maquete 5 .....	57
Maquete 6 .....	58
Maquete 7.....	59
A Coleção .....	60
Look 1.....	62
Look 2.....	64
Look 3.....	66
Look 4.....	68
Look 5.....	70
Look 6.....	72
Os Acessórios .....	74
CAPÍTULO 4	
Casting .....	78
CAPÍTULO 5	
Beleza .....	80

CAPÍTULO 6	
Identidade Visual .....	84
Editorial.....	88
Lookbook.....	94
Considerações Finais .....	96
Bibliografia .....	97
Filmografia .....	99
Glossário .....	100
Anexos .....	101



# INTRODUÇÃO

Levando em conta que todos temos temperamentos, atitudes, credo religioso, etnia, habilidades e conhecimentos diferentes<sup>1</sup> e que são essas questões sociais que distinguem um ser humano dos demais, volte-mos a uma das principais delas, que é dada pelo gênero. Segundo Soares Amora<sup>2</sup>:

Gênero: 1. Grupo de espécies que têm entre si características comuns; 2. Divisão de família zoológica ou botânica; 3. Modelo; 4. Maneira, modo, estilo; 5. Categoria de classificação de palavras em neutras, masculinas e femininas; 6. Viveres; 7. Produções agrícolas; 8. Mercadorias. (AMORA, 2012, p. 342).

Esta desigualdade pode afetar a vida das crianças, meninas ou meninos, brancos ou negros, ricos ou pobres. E os movimentos de igualdade pelos quais as pessoas tanto lutam tendem a ser ‘adulterizados’ (com jovens e adultos) e quando se voltam para as crianças tratam-nas como ‘vir a serem’ militantes adultos que serão reprodutores ideário<sup>3</sup>.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil “para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição” (BRASIL, 1998, p.41). Para Brandão (1986 apud GUSMÃO, 2000, p. 12) “o diferente e a diferença são partes da descoberta de um sentimento que, armado pelos símbolos da cultura, nos diz que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou”.

---

<sup>1</sup> Trabalhando a diversidade na educação infantil: um novo olhar sobre as diferenças. METZNER, Andreia C.; FERREIRA, Natércia M.; SIQUEIRA, Aline F.

<sup>2</sup> AMORA, Soares. Minidicionário Soares Amora. São Paulo, 2012.

<sup>3</sup> Artigo Educação Infantil, igualdade racial e diversidade

Como falar das memórias da criança, por meio das memórias de um adulto? Como transformar essa visão em moda infantil? São os problemas dessa pesquisa.

Basta andar por alguns bairros de classe média baixa e comunidades e reparar no convívio das crianças, em suas brincadeiras, no jeito em que se tratam e que falam umas com as outras. As crianças referem-se a um amigo, do sexo masculino, que ganha algum brinquedo cor de rosa, ou algo que seja relacionado a meninas como “gay, bicha, viadinho”, entre outras palavras para ofender e diminuir o próximo.

No ônibus de volta para casa, dois filhos e apenas um lugar para se sentar, a mãe então pede para que um dos meninos se sente e o outro sente no colo do irmão, os dois logo se rebelam e exclamam: Não! Não somos gays!<sup>4</sup> Fatos como esses mostram que as crianças do século XXI são filhas de uma globalização e de um rápido crescimento, na qual não deveria existir.

Este trabalho tem como propósito tratar de maneira singela e delicada, assuntos como a diversidade de gênero, retratando as memórias de um adulto transformista, enfatizando a criança que ele foi. Do conhecer o que é novo. Tratar deste de forma sensível, sem a maldade que está na cabeça de muitos adultos. Tornar esse assunto simples na cabeça das crianças, usando como ferramentas o amor e o respeito. De modo em que a moda seja representada em um cenário urbano (streetwear) e que este possa contribuir para pesquisas realizadas.

A área escolhida é o Estilismo, que nada mais é do que metas, caminhos, desenvolvimentos e conclusão de uma série de roupas coerentes com o tema proposto. Segundo Sue Jenkyn Jones<sup>5</sup> (2005, p. 8), “a criação de moda vai muito além [...] é a capacidade de pesquisar, absorver, sintetizar ideias e técnicas. Portanto, estes serão usados para realizar uma coleção infantil que retrate questões de gênero, tolerância, diversidade e o respeito. De maneira em que este assunto possa ser posto em meio à sociedade, cativando principalmente os pais e amigos. Pesquisar e reconhecer o mercado de moda infantil (pais), obter imagens e informações sobre racismo e homossexualismo e definir materiais, formas e cores adequadas são propósitos deste trabalho.

---

<sup>4</sup> Fato ocorrido com a autora.

<sup>5</sup> JONES, Sue Jenkyn. Fashion design: manual do estilista. São Paulo: Cosacnaify, 2005

A metodologia de pesquisa adotada será a quantitativa, usando a pesquisa bibliográfica, mapa mental e referências como modo de criar. Logo após a chuva de ideias acontecer essas serão podadas na pesquisa qualitativa, que assumirá um papel de conectar tudo o que se assemelha. As técnicas de pesquisa adotadas serão: bibliográfica e documental, mas também será planejada, e participante. O procedimento técnico será a coleta de dados por livros históricos de moda, jornais (atualidade), vídeos, entrevistas, palestras e revistas de moda (tendências).

A principal e mais importante será o processo de coleção, da qual se inicia pelo mapa mental, referências, estudo e harmonia de cores, estudo de formas, esboços, croquis e line up, modelagem, costura, prova de roupa, ajustes, etc.

# CAPÍTULO 1

# A EDUCAÇÃO

A escola é o primeiro contato da criança no âmbito das sociedades e grupos. De variados modos, os estudos contemporâneos sobre o espaço escolar, as práticas pedagógicas que nele se desenvolvem, bem como estudos que se têm envolvido com as pedagogias culturais têm mostrado como estamos, em nossa sociedade sempre operando a partir de uma identidade que é a norma, que é aceita e legitimada e que se torna, por isso mesmo, quase invisível – a masculinidade branca, heterossexual de classe médica e judaico-cristã<sup>7</sup>.

A pequena quantidade de alunos negros nas escolas também é resultado, na realidade, da desigualdade praticada pela instituição escolar e pelo próprio processo de seu desenvolvimento educacional.

Vários estudos têm discutido, as diferenças que se instauram entre meninos e meninas, no que se refere ao rendimento escolar. Dados estáticos atuais, apontam que as mulheres apresentam níveis de escolaridade mais elevados que os dos homens e que as meninas vêm-se saindo melhor que os meninos em todos os níveis de ensino. Apontam também que elas iniciam os estudos mais cedo, sofrem menos número de reprovações e abandonam menos a escola. Um estudo realizado em Pelotas/RS (SILVA, 1999) indica que dentre a população pesquisada, os meninos apresentam taxa de reprovação de 57% enquanto a das meninas era de 42%. Quando este dado foi desagregado considerando raça/cor, o índice de meninos negros reprovados subiu para 77%. O estudo conclui que o risco de reprovação de meninos negros é três vezes maior que o de meninos brancos, enquanto meninas negras correm um risco duas vezes maior de repetir o ano do que meninas brancas. Neste contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero, sexualidade e raça/cor. O conceito de gênero privilegia

---

<sup>7</sup> LOURO; FELIPE; GOELLNER. Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro, 2016.

exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres; por isso, ele nos afasta de abordagens que tendem a focalizar apenas papéis e funções de mulheres e homens para aproximar-nos de abordagens mais amplas, que nos leva a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e políticas de sociedade são constituídos e atravessados por representações e pressupostos de feminino e masculino e, ao mesmo tempo, produzem e/ou ressignificam essas representações (SCOTT, 1995; LOURO 1997; MEYER, 2000b).



Imagem 1: Escola na Barra da Tijuca separa meninos e meninas

Nesse sentido, o grande desafio da educação é estabelecer um processo de aprendizagem baseado na comunicação e na troca visando eliminar práticas de discriminação e de exclusão presentes no contexto social (GUSMÃO, 2000).

O papel do professor é transmitir que como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias diferentes, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade. Assim é necessário admitir que isso que se expressa pela articulação de gênero com outras “marcas” sociais tais como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma das articulações produz modificações importantes pelas quais as feminilidades ou as masculinidades são, ou podem ser, vividas e experienciadas por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou, ainda, pelos mesmos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida (LOURO; FELIPE; GOELLNER. 2016)

Deve haver também a desconstrução dos chamados “papeis/funções de mulher e de homem”, estes que dizem que a mulher é a cuidadora do lar, da cozinha e dos filhos e o homem para trabalhar e sustentar financeiramente os gastos da casa. Esses supõem a existência de escalas que classificam e hierarquizam trabalhos como masculinos e femininos e isso implicam em exercícios de poder. Assim como falamos em “pessoas de cor” para nos referimos aos não brancos, além de estarmos presumindo que o branco é tão invisível que deixa mesmo de ser cor, estamos reduzindo um indivíduo que é, ao mesmo tempo, muitas outras coisas à sua cor. O próprio fato de existirem dias especiais – que as escolas se empenham em comemorar – como dia internacional da mulher, ou do índio, ou do orgulho gay ou da Aids indica o caráter da diferença. Os “normais” não precisam de dias especiais para serem lembrados<sup>8</sup>.

Discutir e repensar é auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, não apenas ao que se refere ao gênero e raça, mas em todas as relações.

---

<sup>8</sup> LOURO; FELIPE; GOELLNER. Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro, 2016.

# OS PAIS

De acordo com filósofo e historiador francês Michel Foucault<sup>9</sup>:

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo da mesma; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. (FOUCAULT, 1999, p. 45)

Em outras palavras, a homossexualidade é uma invenção da modernidade, o homossexual é uma espécie “fabricada” por ela. Foucault data como marco do seu nascimento o artigo de K. F. O. Westphal em 1870. Neste, estas “sensações sexuais contrárias”, como se refere o autor, são descritas como “uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. ”

Todavia, é necessário destacar que outros historiadores da sexualidade, como é o caso de Jonathan Ned Katz, aponta que o uso do termo “homossexual” foi empregado um ano antes pelo jornalista e memorialista Karl-Maria Benkert em uma carta enviada em 6 de maio de 1868 para Karl Henrich Ulrichs. Ambos eram considerados reformados sexuais e lutaram em defesa da reforma da lei da sodomia<sup>10</sup> e dos direitos dos urnings (como Ulrichs denominava os homens que amavam outros homens) na Alemanha<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade do saber. Rio de Janeiro, 1999.

<sup>10</sup> Relação sexual entre homossexuais masculinos ou entre um homem e uma mulher.

<sup>11</sup> Carneiro, Ailton José dos Santos. A fabricação do homossexual. 2013. (Licenciatura plena em História) – Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Bahia.

Inserido o cenário, muitos pais não sabendo lidar com as perguntas feitas pelas crianças, se questionam: Como é possível falar de homossexualidade com nossos filhos? Segundo a entrevista dada pela neuropsicóloga Deborah Moss<sup>12</sup> para o canal Record News, estes devem explicar que existem muitas formas de se amar. Ela afirma que as curiosidades fazem parte do universo infantil e que todas as perguntas devem ser respondidas, permitindo que a criança circule nas questões que forem surgindo. Ela ressalta também que nós temos a ideia de que falar de homossexualidade, estamos abrindo espaço para falar de sexo, porém apenas falaremos de relações afetivas, de amor e parceria. E que as dúvidas de sexo, aparecerão num futuro.



Imagem 2: Autor desconhecido.

Quando questionada se os pais devem deixar as crianças se sentirem à vontade para brincar com brinquedos considerados como pertencentes ao sexo oposto, a profissional responde: “O medo dos pais é que incentivar a criança a brincar com estes, é fazer com que ela ‘vire gay’. Lembro de um autor que conta uma história que aconteceu quando ele era criança, da qual ele foi a uma loja e ele poderia escolher um balão rosa ou azul, então este escolhe a rosa, mas a mãe diz: ‘Filho, mas a sua cor preferida é o azul!’ Depois de anos, lembrando o autor diz: ‘Minha mãe tinha razão, minha cor preferida era o azul, mas eu continuo sendo gay’. Então brincando com o brinquedo oposto, não vai

---

12 Moss, Deborah. Como é possível falar sobre a homossexualidade com as crianças. [17 de março, 2017]. São Paulo. Record News. Entrevista cedida ao programa Link Record News.

transformar a criança em algo que ela não é. Outro dia meu filho, pegou a boneca da minha filha e disse que cuidaria da boneca até que a irmã voltasse da escola, então pensei: 'Nossa que ótimo! Isso quer dizer que ele será um bom pai!' Então, quem disse que aquelas brincadeiras são de meninos ou são de meninas? Isso foi algo instituído lá atrás, pois muitas mulheres não trabalhavam e ficavam na cozinha e cuidavam dos filhos enquanto os homens pegavam seus carros para irem trabalhar. E atualmente as coisas não são mais assim. Os valores se inverteram.", diz Deborah.

A neuropsicóloga termina a entrevista, dizendo que o beijo gay tende a chocar menos as crianças do que os pais, que precisam entender que o mundo mudou, as crianças vão crescer numa sociedade, onde na sala de aula terão amigos com filho de dois pais ou de duas mães e isso fazendo parte da vida deles muitos não terão nenhum problema com isso<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> MOSS, Deborah. Como é possível falar sobre a homossexualidade com as crianças. [17 de março, 2017]. São Paulo. Record News. Entrevista cedida ao programa Link Record News.

# O CORPO



Imagem 3: Colagem de autorretrato,  
por Hockney.

O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc. O corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações<sup>14</sup> que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.

---

<sup>14</sup> O termo representação é aqui entendido como um modo de produção de significados na cultura. Processo este que se dá pela linguagem e implica, necessariamente, relações de poder. “Representações, nessa perspectiva, envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos – são construídos” (MEYER, 1998:20).

O corpo é conjunto de aspectos que o compõe como os ossos, músculos, reflexos, sensações, também a roupa é acessórios que vestimos, a imagem que eles transmitem, a educação, os gestos etc. Ele também é construído pela linguagem, esta tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, defini-lo e instituir. Estas são representações temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde o corpo circula, vive, expressa-se, produz-se e é produzido<sup>15</sup>.

Falar de corpo é falar, também de nossa identidade dada a centralidade que este adquiriu na cultura contemporânea cujos desdobramentos podem ser observados, por exemplo no crescente mercado de produtos e serviços relacionados ao corpo. Como a indústria da beleza e da saúde, adornos, cosméticos, dietas, suplementos, academias, cirurgias estéticas, medicamentos, drogas químicas fazem parte de um sem-número de saberes, produtos e práticas a investir no corpo, produzindo-o diariamente, isso torna-os longes de ser uma evidência segura das identidades!

---

15 LOURO; FELIPE; GOELLNER. Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro, 2016.

# O CENTRO E O EXCÊNTRICO

“Novas” identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura, longe de ser homogênea e monolítica, é de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa, descontínua. Muitos afirmam, com evidente conforto que essas novas identidades “excêntricas” passaram não só a ganhar importância nestes tempos pós-modernos, como, mais do que isso, passaram a se constituir no novo centro das atenções. E como querem os/as pós-modernistas devemos reconhecer que é possível questionar todas as certezas sem que isso signifique a paralisia do pensamento, mas ao contrário, constitua-se em fonte de energia intelectual e política.

Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e a de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico.

Conforme registra o dicionário Amora:

Excêntrico: 1. Quem ou aquele que é extravagante, esquisito; 2. Extravagante; 3. Fora do centro. (AMORA, 2012, p. 342)

Isso pode nos ajudar a pensar sobre as formas como se estabelecem as posições de sujeito no interior de uma cultura – e, conseqüentemente, pode nos ajudar a pensar sobre as formas como a escola e o currículo realizam sua parte neste empreendimento.

A posição central é considerada a posição não problemática; todas as outras posições de sujeito estão de algum modo ligadas – e subordinadas – a ela. Tudo ganha sentido no interior desta lógica que estabelece o centro e o excêntrico; ou, se quisermos dizer de outro

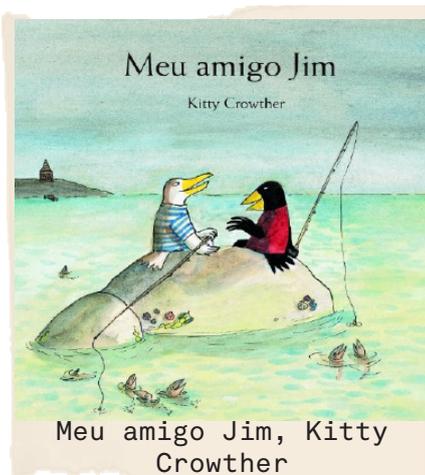
---

16 BUTLER. Judith (1999). *Corpos que pesam – Sobre os limites discursivo do “sexo”*. Belo Horizonte: Autentica.

modo, o centro e suas margens. Portanto, toda essa “conversa” pós-moderna de provisoriedade, precariedade, transitoriedade, etc. só pode se ajustar às mulheres, aos negros e negras, aos sujeitos homossexuais ou bissexuais. <sup>17</sup>

Já há algumas décadas o movimento feminista, o movimento negro e também os movimentos das chamadas minorias sexuais vêm denunciando a ausência de suas histórias suas questões e suas práticas nos currículos escolares. A resposta a essas denúncias não passa, de uma “data comemorativa”: o “dia da mulher” ou o “dia do índio” ou até a “semana da raça negra”. Aparentemente se promove uma inversão, trazendo o marginalizado para o foco das atenções, mas o caráter excepcional desse momento pedagógico reforça, mais uma vez, seu significado de diferente e de estranho.

As diferenças têm efeitos materiais evidentes, por exemplo, na impossibilidade ou nas dificuldades legais que homens e mulheres homossexuais têm de constituir família, de assumir a guarda de filhos ou adota-los, ou ainda de receber herança após a morte de seus companheiros e companheiras.



Sob esta ótica, os apelos em prol da tolerância e do respeito aos diferentes devem ganhar outra conotação. É preciso abandonar a posição ingênua que ignora e subestima as histórias de subordinação experimentadas por alguns grupos sociais e ao mesmo tempo dar-se conta da assimetria que está implícita na ideia de tolerância. Associada ao diálogo e ao respeito, a tolerância parece insuspeita quando é mencionada nas políticas educativas oficiais ou nos currículos. Precisamos ter a delicadeza da autora do livro infantil *Meu Amigo Jim*, Kitty Crowther para tratar com as crianças, de forma sensível e sutil, as diferenças. Ensiná-las a conhecer o que é novo, o valor da amizade e do amor.

---

17 BUTLER. Judith (1999). *Corpos que pesam – Sobre os limites discursivo do “sexo”*. Belo Horizonte: Autentica.

# A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL

Pensar a criança pequena é pensá-la inserida, inicialmente, no contexto familiar enquanto um contexto de desenvolvimento, um meio social que favorece a constituição de sua pessoa. Segundo Vigotski (1996)<sup>18</sup> e Wallon (1956/1975b)<sup>19</sup>, é por meio das interações da criança com o adulto e com os seus pares que ocorre a diferenciação do eu e do outro e assim se configura o eu infantil. Desta forma, são ampliadas as possibilidades da criança para afirmar e desenvolver cada vez mais a sua individualidade e para compreender melhor as relações sociais da cultura à qual pertence. É assim que a criança se constitui como uma pessoa distinta do outro e forma a sua identidade. Neste sentido encontramos também a escola e a família como corresponsáveis pela construção deste processo.

Ao nascer, a criança é tocada, cuidada pelos outros, e é nos movimentos destes “outros” que as suas primeiras atitudes vão tomar forma. Por meio do atendimento às suas necessidades fisiológicas e emocionais é que os seus gestos, as suas atitudes, a sua fisionomia e a sua voz passarão do domínio impulsivo ao expressivo, provocando outras formas de atendimento naqueles que cuidam dela. Segundo Wallon (1941/2002, 1956/1975b)<sup>20</sup>, é por volta dos três anos de idade que a criança terá mais autonomia, maior possibilidade de afirmar o seu ponto de vista. Nesse momento ela deixa de designar-se na terceira pessoa e passa a referir-se a si pelo pronome pessoal “eu”, opondo-se sistematicamente ao que é diferente dela, o “não-eu”, além de ostentar os pronomes “meu” e “minha”. Agora o que interessa para a criança são

---

<sup>18</sup> VIGOTSKI, L. S. (1996). Obras escogidas IV. Madrid, Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuciones<sup>2</sup> AMORA, Soares. Minidicionário Soares Amora. São Paulo, 2012.

<sup>19</sup> WALLON, H. (1975b.). As etapas da personalidade na criança. Em Wallon, H. Objetivos e Métodos da Psicologia. Lisboa: Editorial Estampa. (Trabalho original publicado em 1956).

<sup>20</sup> WALLON, H. (2002). L'évolution psychologique de l'enfant. (11.ed). Paris: Armand Colin Éditeur. (Trabalho original publicado em 1941).

as relações com as pessoas. Ela recusa, afronta o outro, combate as ordens, pela simples razão de experimentar a sua própria autonomia. Com a conduta de oposição a criança busca a propriedade das coisas pelo desejo de competição, em que ela procura apropriar-se do que pertence aos outros geralmente sob a forma de protesto contra a partilha.

# O OUTRO EU

**Alter ego** ou alterego (do latim alter = outro ego = eu) pode ser entendido literalmente como outro eu, outra personalidade de uma mesma pessoa. O termo é comumente utilizado em análises literárias para indicar uma identidade secreta de algum personagem ou para identificar um personagem como sendo a expressão da personalidade do próprio autor de forma geralmente não declarada. (DICIONÁRIO INFORMAL)<sup>21</sup>

Até aqui, concluímos que as atitudes dos pais e adultos são os principais responsáveis por criar as atitudes que formam a criança, elas vão do agir até ao se vestir.

Nos colocaremos agora, numa nova perspectiva, baseada no fato que todo adulto tem uma criança na sua formação, ou seja, todos já fomos crianças um dia e analisaremos o caso narrado pela a *drag queen* Paulette Pink ao site iGay da plataforma IG<sup>22</sup>.



Paulette Pink

Filha de pais religiosos, Paula (a mulher transexual por trás da drag queen) nasceu e cresceu em Santa Adélia, uma cidade no interior de São Paulo. Durante a infância, não foram poucas as situações que poderiam ter tirado o brilho dela para sempre. “Sempre fui artista. Desde criança, já pintava, imitava a Mara Maravilha na escola... Mas também já sofria *bullying*, já apanhava”, conta ela, enfatizando que sempre bateu de frente com esse tipo de questão e que, com o tempo, impôs o respeito que merecia aos colegas de escola e aos vizinhos na pequena cidade.

Paulette conta que, já na infância, sabia que não era como os outros meninos. “Eu queria fazer roupinhas de menina com a minha mãe, que era costureira, e já tinha vontade de estar com as meninas na

---

21 DICIONÁRIO INFORMAL. Significado de Alter ego [acesso em 03 set. 2017]

22 OLABATE, Fernanda. Estou renascendo das cinzas, como uma fênix”, conta a drag queen Paulette Pink. Entrevista cedida ao site iGay.

na escola. Os meninos me isolavam, os pais diziam para ‘não andarem com o filho do Bentinho’”, lembra. Segundo ela, a família sempre soube que havia algo de diferente nela, e sempre tentavam arrumar formas de reprimir seus anseios. “Eu era uma borboleta e eles tinham medo de eu querer abrir as asinhas e voar, sair do casulo, aí tentavam me segurar com a religião”, afirma Paulette.

No início dos anos 1990, Paulette resolveu que era hora de buscar uma carreira que refletisse suas aptidões artísticas e deixar a pequena Santa Adélia, assim como a casa que a aprisionava. Foi então que ela se mudou para São Paulo e passou a cursar, ao mesmo tempo, artes plásticas na Unesp (Universidade Estadual Paulista) e teatro na USP (Universidade de São Paulo).

Ela afirma, porém, que as coisas não foram fáceis após deixar a casa dos pais. Ao chegar em São Paulo, Paulette viveu em uma favela durante algum tempo até que um professor da faculdade a convidou para trabalhar com ele. “Fazíamos pinturas de profundidade. Ele notou meu talento e me chamou para pintar para ele e foi assim que consegui sair de lá e aluguei uma kitnet”, conta.

Foi nessa época que a vida de Paulette teve uma reviravolta que definiria seu futuro. Convidada por alguns amigos, ela abraçou a aventura de se vestir de mulher para uma festa. Comprou um maiô e, como na época era difícil encontrar calçados femininos que fossem do tamanho de seus pés, arrumou um par de patins para usar no evento. “Eu estava parecendo um demônio”, brinca.

Naquela noite, os convidados da festa foram apresentados a um rascunho de Paulette Pink. “Foi uma festa cheia de imprensa. Na hora que cheguei, de patins, foi uma loucura, saí em todos os jornais. Vieram perguntar qual era o meu nome, e eu dizia que era ‘Paulette Power’, mas uma pessoa disse que, por eu estar toda de rosa, deveria me chamar Paulette Pink. As pessoas então começaram a me ligar e me chamar assim”, conta.

Após a aparição, que atraiu olhos curiosos por toda parte, Paulette começou a ser chamada para fazer performances em shows e, logo, a personagem explodiu na mídia. Ao mesmo tempo, ela participava de um projeto chamado “Enturmando”, que buscava sociabilizar crianças carentes utilizando a arte como instrumento, mas afirma que não estava satisfeita com aquilo. “A gente dava carinho e amor para elas, aí elas

viam cenas violentas em casa e voltavam mais violentas ainda. Como não conseguia mudar o mundo dessa forma, resolvi mudar o mundo fazendo as pessoas rirem”, conta.

# CAPÍTULO 2

# AREA E SEGMENTO

A diversidade de gênero e raça será transmitida por meio da moda pela área de Estilismo: pela qual percorrerá um processo de criação vasto que partirá do tema, busca de imagens (moodboard), mapa mental, matérias (maquetes e tecidos), aviamentos, estudo de forma, cartela de cor, estampa, harmonias, esboços, desenho técnico, line up, confecção de peça, provas e ajustes, casting, editorial e desfile que sejam coerentes com o tema proposto.

A coleção será embasada no segmento que mais retrata a sociedade de forma mais coesa o *streetwear* que é um dos pilares do lado fashion da moda de rua. Surgiu nos anos 1980, justamente quando as roupas usadas pelos garotos do hip-hop americano se tornaram febre [...] Os fundamentos dessa estética se consagraram no final dos anos 90, quando o conforto e praticidade viraram palavras de ordem no vocabulário do que seria uma moda para o Terceiro Milênio<sup>23</sup>.

Traz peças e tecidos confortáveis para as crianças, mostrando a essência de ser criança num espaço de desigualdade, colocando-se ao oposto disso.

---

<sup>23</sup> PALOMINO, Érika. A Moda. Ed. Publifolha. São Paulo, 2003.

# MODA CONTEMPORÂNEA

Durante o século XVII, as vestimentas usadas pelas crianças ainda eram configuradas a partir da roupa dos seus pais, exceto os detalhes nelas presentes: “Garotinhos de calções e gibões, garotinhas de vestido longo com gola alta e avental em ponta, com gorros enfeitados com penachos” (BOUCHER, p.250, 2010)<sup>24</sup>.

A infância tem apresentado novos contornos, a criança está cada vez mais independente do adulto e tem um papel participativo no que tange suas escolhas e as da família. Não é vista inserida dentro de um padrão imposto pelo adulto, mas a imposição do adulto sobre os desejos e anseios da criança. Ao contrário, elas impõem, e os adultos aceitam como escolhas pertinentes dando vazão a uma liberdade de escolha. Observa-se que a educação da criança esteve alicerçada em algumas égides, inicialmente o autoritarismo, em um segundo momento sob o liberalismo total - sem a presença dos pais na sua formação e sofrendo influência dos meios de comunicação, e por último temos visto a busca pelo equilíbrio. Dando liberdade a criança, mas ao mesmo tempo uma liberdade guiada e vigiada. Todavia, observamos que os filhos, no que se refere, no uso da moda tem sido uma cópia fiel da roupa de seus pais, influenciando a precocidade adulta como menciona (MORACE, 2009, p. 27)<sup>25</sup>.



---

<sup>24</sup> BOUCHER, François. História do vestuário no Ocidente. Cosac Naify, São Paulo, 2010.

<sup>25</sup> OMORACE, Francesco (Org.). Consumo Autoral: as gerações como empresas criativas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 27.

É fundamental entender a cumplicidade implícita entre o mundo de mães -sempre atentas a moda e ao design- que projetam o próprio sentimento de culpa e as próprias ansiedades em atender “materialmente” os filhos [...] que interpretam esses estilos como uma maneira para crescer mais rápido.

A indústria da moda, ao perceber as necessidades das crianças e pré-adolescentes, começou a criar roupas voltadas para esse público, pois os cuidados com o visual faz parte da autoafirmação e expressão, como explica Carmo (2003, p.192)<sup>26</sup> [...] “a preocupação com a própria imagem assume importância toda especial nesse momento da vida, sobretudo porque permite exibir sinais seguros de pertencer a um grupo, de definir identidade [...]”, e a roupa é um trunfo no momento de se expressar. [...] como qualquer língua não-verbal elaborada, a roupa, às vezes, é mais eloquente que o discurso nativo daqueles que a vestem. Na verdade, quanto mais inarticulado verbalmente se é, mais importantes são as declarações feitas por suas roupas [...] (LURIE 1997, p.121)<sup>27</sup>.

---

26 CARMO, Paulo Sergio do. Culturas da rebeldia: a juventude em questão. 2. ed. São Paulo: Senac, 2003.

27 LURIE, Alison. A linguagem das roupas. Rio de Janeiro: Arte mídia Rocco, 1997.

# PÚBLICO ALVO

Segundo Morace, os *Expo Teens* são os *teen-nagers* que vivem a própria identidade como “exposição” (que compreendem a exibição, mas também a exposição das tecnologias, o uso dos códigos das tribos, às várias linguagens com a música como principal discurso), sobre as referências criam seu próprio referencial estético.

Assim, o público desta coleção são os *Expo Teens*, pré-adolescentes de 9 a 14 anos, com altura até 1,50m. Com uma diversa variedade de cor de pele: negro, branco, amarelo, pardo. De cabelos liso, cacheado, afro, ondulado, crespo. Meninos e meninas.

Estes gostam de estar em família, com os pais e parentes. De brincar com os amigos e estes sempre estão propícios a fazer uma nova amizade. Não precisam de muito para estarem felizes.

Quando estão em casa, gostam de assistir a desenhos e a filmes. Ouvir músicas e estar conectado à internet é um de seus principais hobbies.

Em convívio com a sociedade, acreditam em qualquer forma de união, de amor e amizade. Heterossexuais e homossexuais não os assustam e muito a menos a cor de seu amigo, pois foram ensinados desde cedo pelos pais, a respeitar e amar o próximo, sem diferenças de cor, raça, credo ou etnia.

---

28 MORACE, Francesco (Org.). Consumo Autoral: as gerações como empresas criativas. , São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 37.



Imagem 7: montagem autoral – painel público alvo

# CAPÍTULO 3

# PROCESSO METODOLÓGICO

O trabalho teve início com o tema amplo em diversidade de gênero e raça, mas ao analisar, sente-se a necessidade de um olhar com mais essência e que se fizesse mais próximo, a autora decide focar seu trabalho em articular sobre a criança por meio da memória do adulto e relatando um fato que aborda as questões de gênero.

As formas e as estéticas utilizadas nessa coleção infantil são feitas a partir da analogia com as lagartas e borboletas que após uma pesquisa e investigação voltada para um novo ambiente, um olhar distante (que não o ser-humano), encontra-se uma história de uma psicóloga, resumida em:

A empreitada durou um ano e inicialmente o que víamos, eram crianças que não acreditavam em si mesmas, em seus talentos e habilidades. Que desconfiavam dos adultos, especialmente quando eles a elogiavam ou acreditavam em seu potencial.

Certo dia, estávamos fazendo uma atividade na área externa da casa e de repente algumas crianças começaram a se alvoraçar em volta de algum bicho que havia surgido ali... me lembro delas exclamando:

- Mata! Mata! - Que bicho feio! - Credo, que nojo!

Quando me aproximei para ver o que era, percebi que era uma lagarta! (BIANCO, 2006)

Percebe-se também que assim, como o relato da entrevista com a drag queen Paulette Pink (“Eu era uma borboleta e eles tinham medo de eu querer abrir as asinhas e voar, sair do casulo, aí tentavam me segurar...”), as lagartas também sofrem uma transformação ao longo de suas vidas, ao deixarem seu corpo, (considerado feio e nojento por alguns) em um casulo e metamorfosear em uma borboleta, cheia de cores, com asas e podendo voar.

---

29 A história completa encontra-se em: Anexos.

30 BIANCO, Marcela. A transformação das criança-lagartas. São Carlos, 2006.



# PAINEL IMAGÉTICO



Imagem 9: Painel imagético - montagem autoral

# AS FORMAS

## A LAGARTA

Como referência imagética, a autora foi em busca de fotos de lagartas, casulos, borboletas e tudo que englobava e pudesse ser usado como estudos de formas. Após investigar e marcar o contorno das formas da lagarta, obteve-se aspectos como volume, malemolência, cor/padronagem e longilínea.

Chama-se lagarta ao primeiro estágio larval dos insetos da ordem dos lepidóptera. O animal come mais, geralmente folhas para crescer e guardar energias. Durante esse estágio, a larva produz fios de seda ou semelhantes, que se prendem à superfície onde ela está... (MUNDO ESTRANHO, 2016)

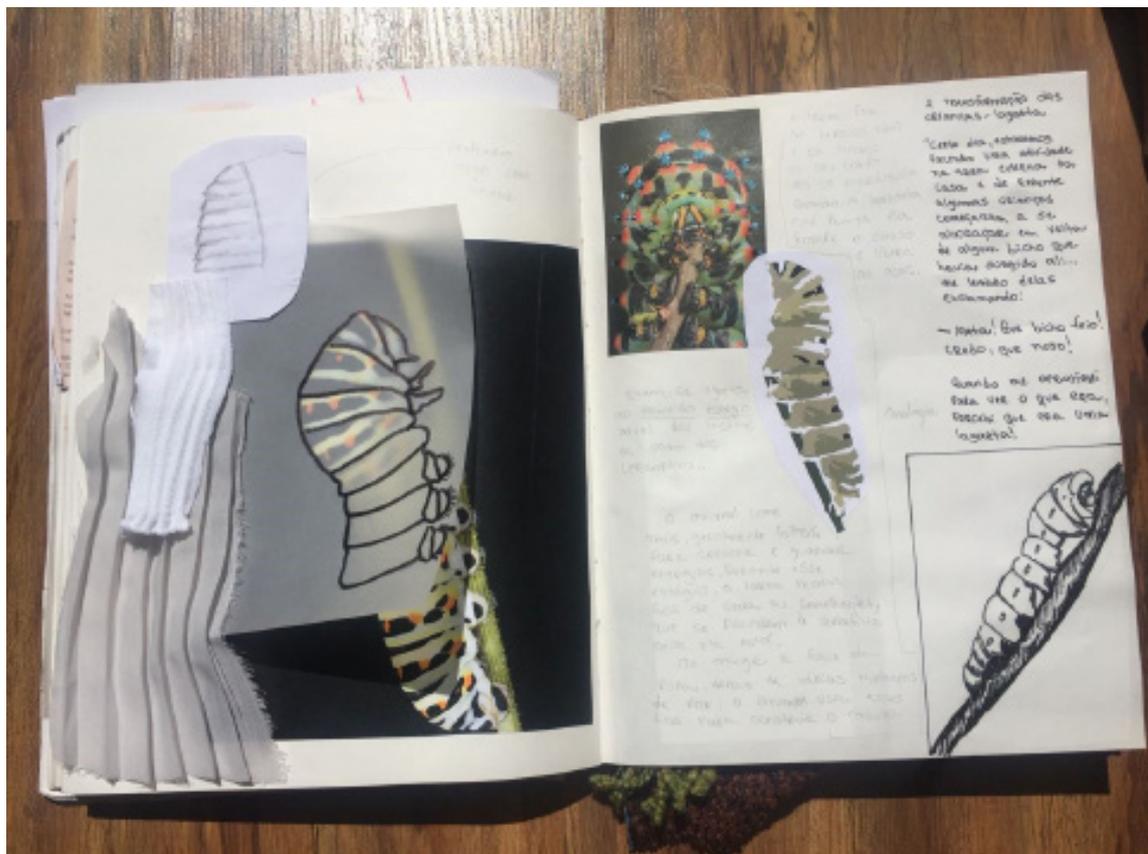


Imagem 10: caderno de experiências

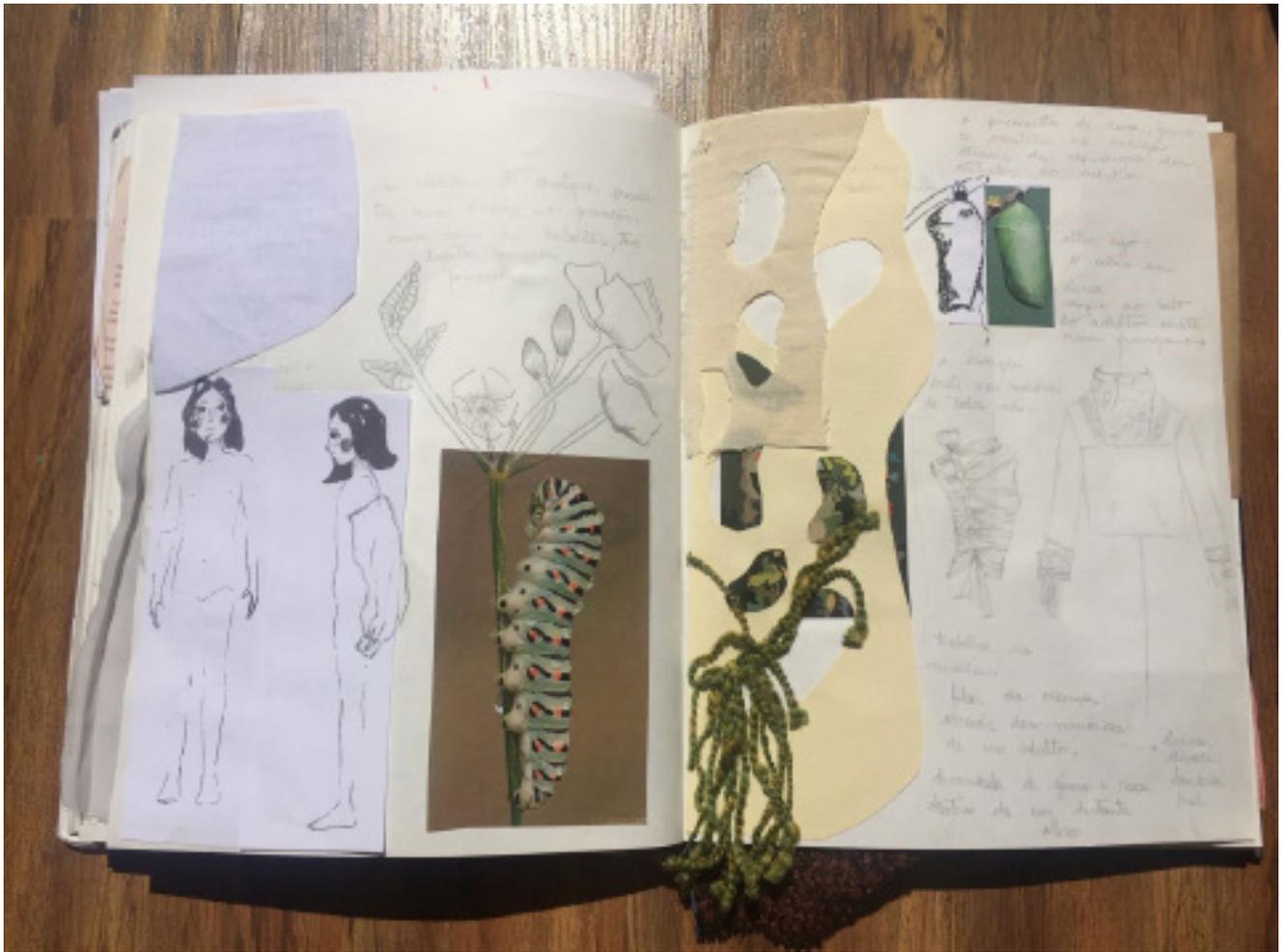


Imagem 11: caderno de experiências

# O CASULO

Investigando imagens de casulos de lagartas, encontra-se a realidade da lagarta esperar o período de dias ou meses até se tornar uma borboleta, comparando metaforicamente com a infância do ser humano e toda a espera e acontecimentos até se tornar um adulto.

Nesse novo ciclo são analisados os fios que o casulo produz, desalinhados e incontinuos.

Ao atingir a fase da pupa, depois de várias mudanças de pele, o animal usa esses fios para construir um casulo. A lagarta fica em repouso total e os tecidos do seu corpo vão se modificando. (MUNDO ESTRANHO, 2016)



Imagem 12: caderno de experiências

# A BORBOLETA

Quando a lagarta se forma se transforma em borboletas, podemos identificar a mudança de tamanho grandiosa e simétrica.

Quando a borboleta está pronta ela rompe o casulo e libera as asas. (MUNDO ESTRANHO, 2016)

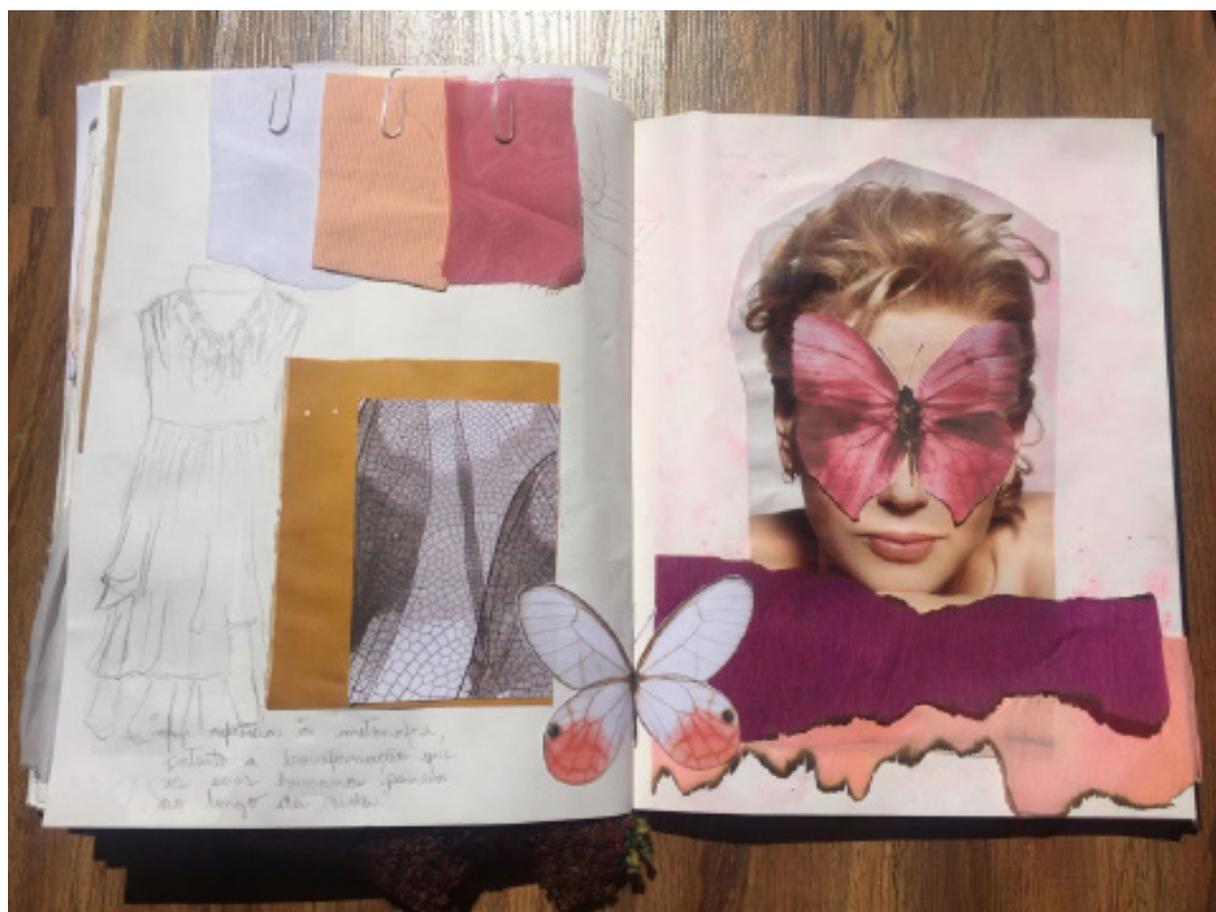


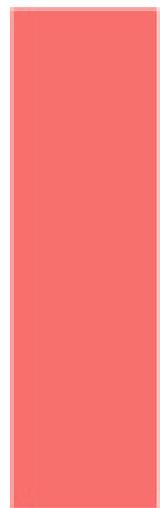
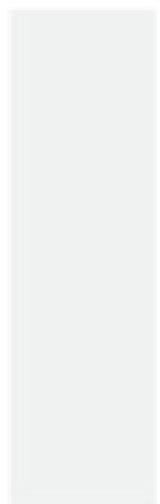
Imagem 13: caderno de experiências

# AS CORES

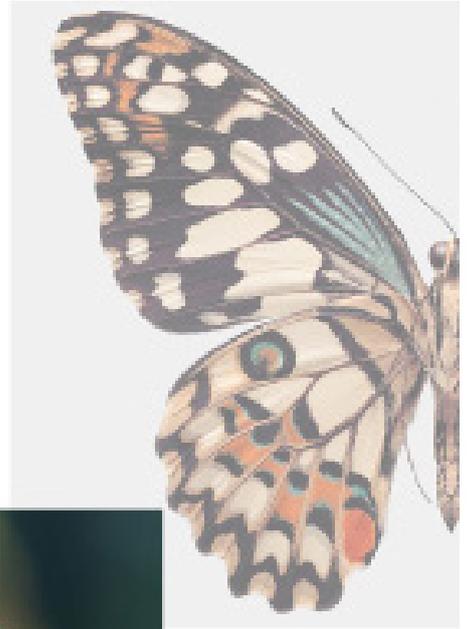
As cores da coleção foram selecionadas a partir do painel imagético, selecionando as cores que mais são significativas para a autora. Essas são, em maioria, cores quentes.



# EXTRAÇÃO DE COR







# HARMONIA DE CORES

O uso dos tons claros está em grande escala na coleção representando a sutileza e há sempre um ponto de cor um pouco mais escura para haver salientar algumas formas.



Imagem 18: Harmonia de cores

# OS TECIDOS

Os tecidos, foram escolhidos de modo que fizessem comparações com todo estudo do caderno e painel imagético e que trouxessem uma sensação de delicadeza, sensibilidade e conforto, visto que o público alvo da coleção são crianças.

Malha Jersey  
Lisa  
100% Poliéster

Helanca  
100% Poliéster

Suplex  
100% Poliéster

Crepe Bengaline  
78% Viscose, 20%  
Poliamida, 2%  
Elastano

Musseline  
100% Poliéster

Feltro Lumicores  
100% Poliéster

Crepe Brigitte  
100% Poliester

Oxford  
100% Poliester

Bengaline  
75% Viscose,  
20% Poliamida  
5% Elastano

Tule Filó  
100% Poliamida

Entretela Colante  
75% Poliester  
25% Viscose

Helanca  
100% Poliester

Tropical  
100% Poliester

Helanca  
100% Poliester

Helanca  
100% Poliester

# OS AVIAMENTOS

Os aviamentos foram escolhidos ainda seguindo a estética delicada, sutil e que não fossem pontudos ou trouxessem algum desconforto para as crianças



Nome: Fivela  
cor: Prata  
Tam.: 5 cm  
Forn.: Glayson



Nome: Botão  
cor: diversas cores  
Tam.: 9 cm  
Forn.: Glayson



Nome: Viés de algodã  
cor: diversas cores  
Tam.: 25 mm  
Forn.: Elo 7



Nome: Zíper invisível  
cor: Diversas cores  
Tam.: 15 e 20 cm  
Forn.: Roma Aviamento

Nome: Elástico  
cor: Branco  
Tam.: 5 e 3 cm  
Forn.: Rei do Armarinho

# AS MAQUETES

## MAQUETE 1

A maquete é feita com pregas de 1 cm em tecido crepe 100% viscose.



## MAQUETE 2

A maquete plissada é feita em musseline com tramas retas e entrelaçadas em 1,0 cm de espaçamento.



# MAQUETE 3

A maquete é feita de musseline plissado em 1,5 cm de espaçamento.



# MAQUETE 4

A maquete é feita com tassel de seda em amarelo e rosa dando alusão ao casulo das lagartas.



# MAQUETE 5

A maquete é feita de bordados de linha, dando alusão as lagartas.



# MAQUETE 6

A maquete é feita de bordados de pedra (paêtes e lentilhas) em formato de borboletas.



# MAQUETE 7

A maquete é feita de musseline drapeada com bolas plasticas transparentes bordadas, dando alusão aos casulos.

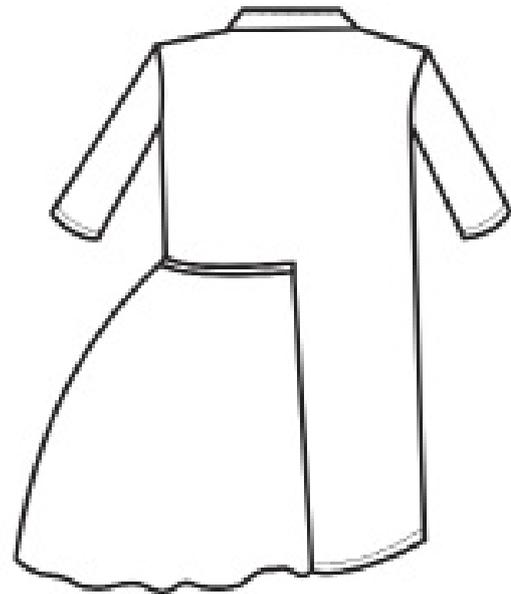
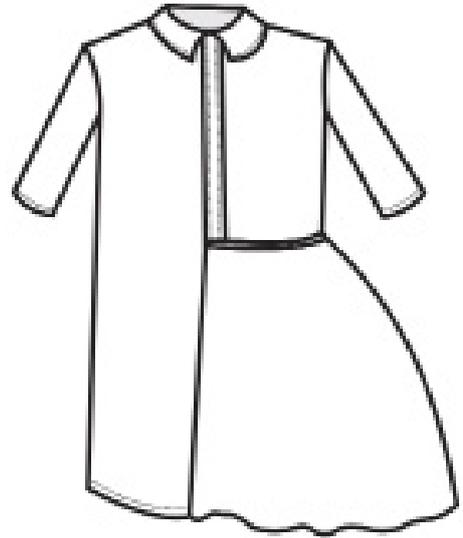
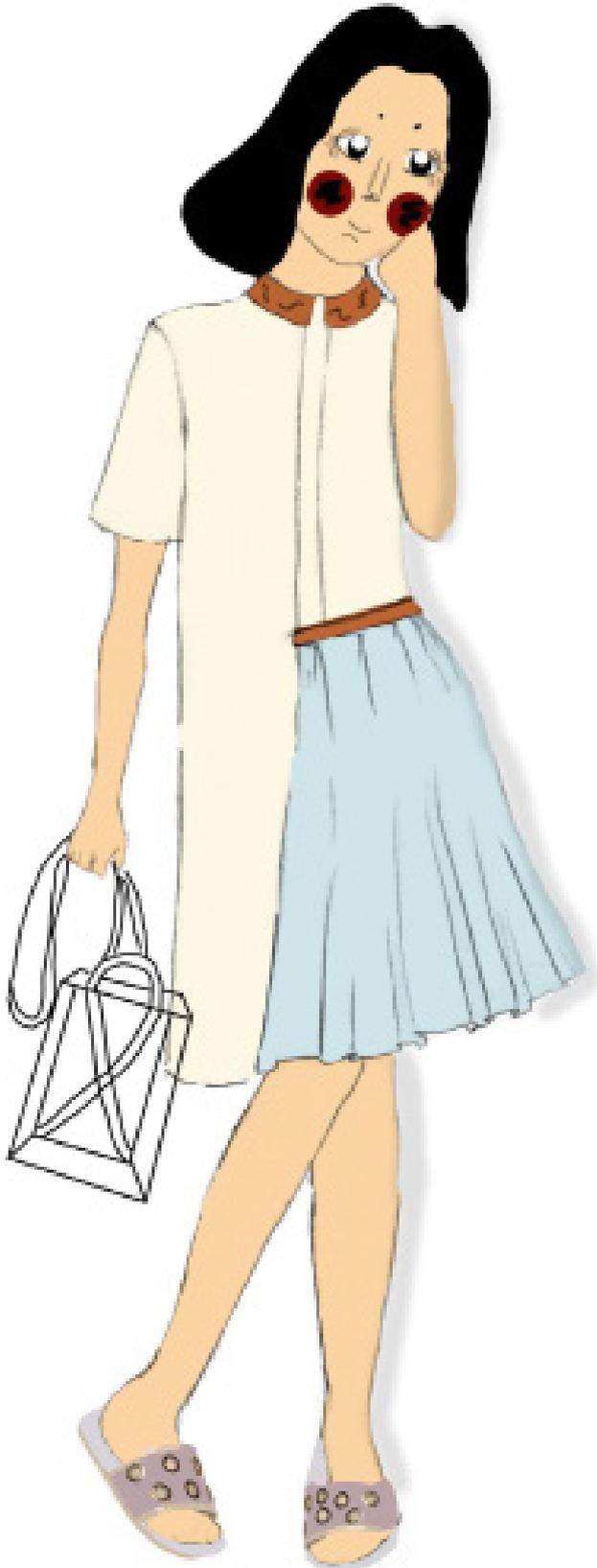


# A COLEÇÃO



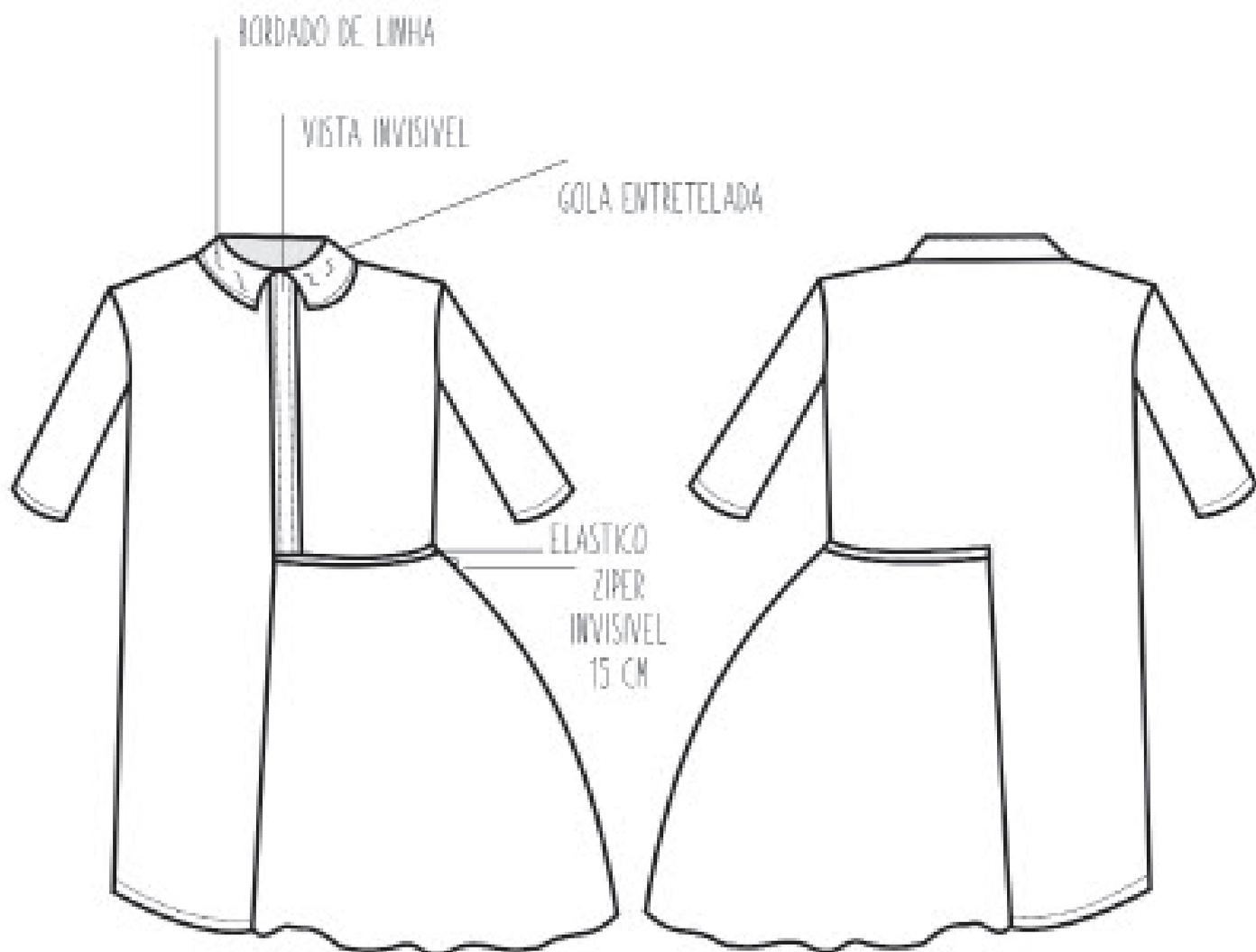


# look 1





o outro eu  
paty cordeiro



Vestido assimétrico pespoadado / Vista invisível / Gola Entretelada

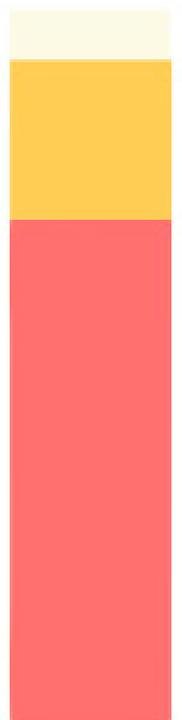
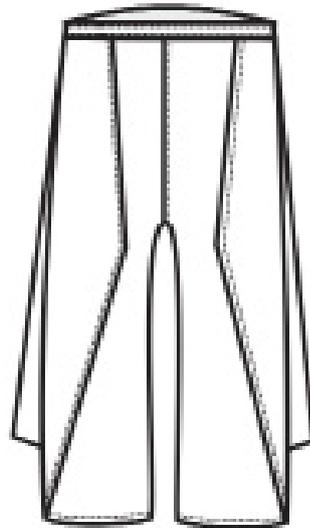
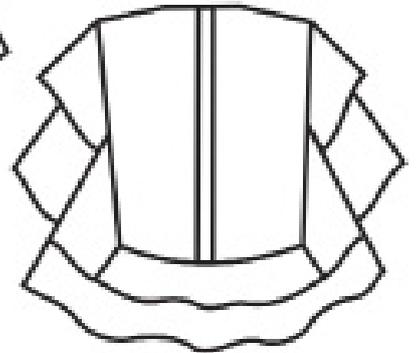
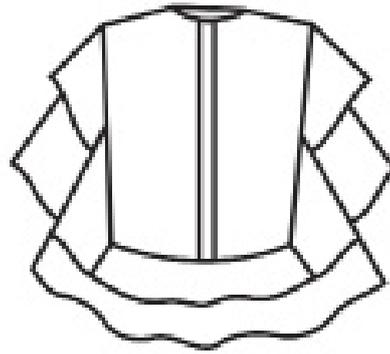
Tecidos: Bengaline - 75% Viscose, 20% Poliamida, 5% Elastano - R\$ 17,00 m

Oxford - 100% Poliéster - R\$ 26,85 m

Tule Filó - 100% Poliamida - R\$ 8,20

Entretela colante - 75% Poliéster, 25% Viscose

# look 2



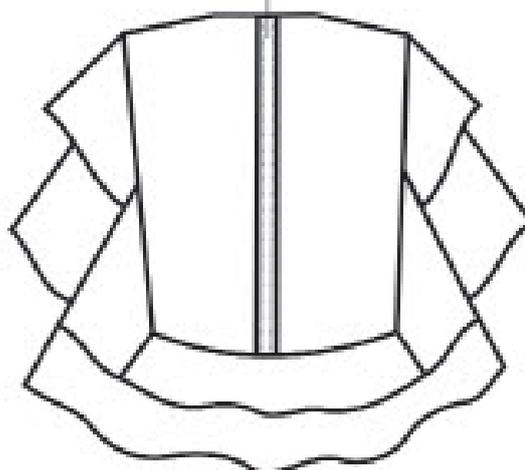


o outro eu  
 paty cordeiro

VISTA INVISÍVEL



RECORTE



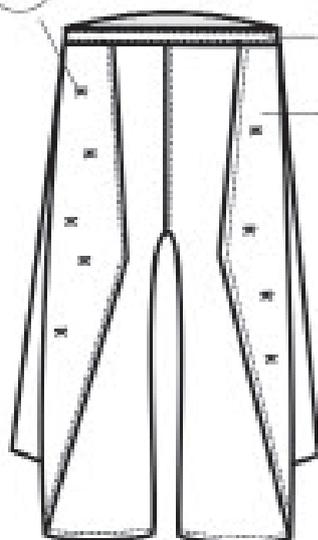
Camisa com babado drapedado / vista invisível / recorte proporcional nas costas  
 Tecido: Malha Jersey Liso - 100% Poliéster - R\$ 27,00 kg  
 Malanca - 100% Poliéster - R\$ 30,00 kg

BORBOLETAS BORDADAS  
 COM LENTILHAS E  
 PNETES



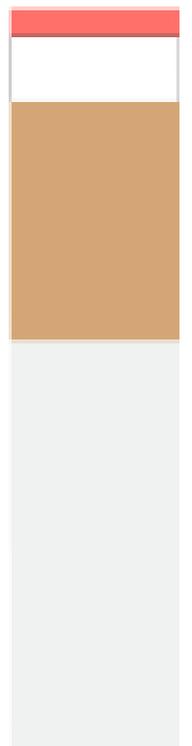
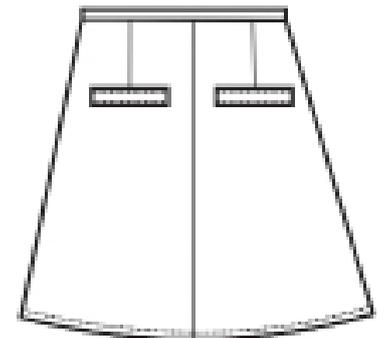
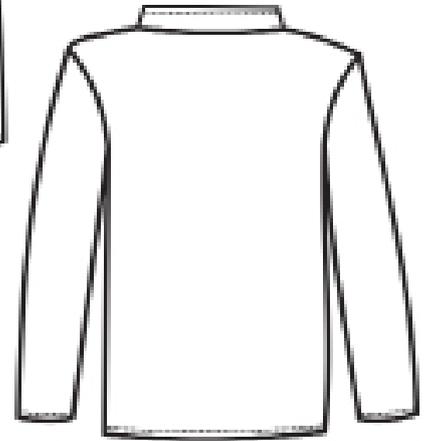
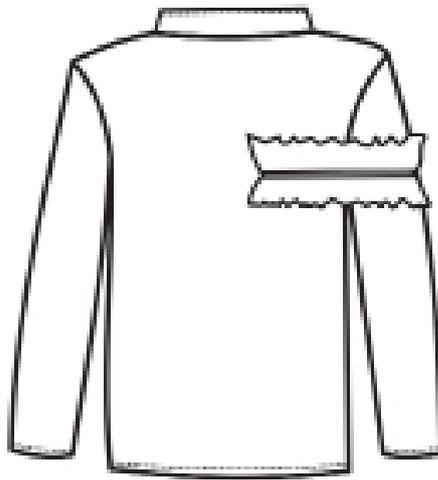
ELÁSTICO

ASA  
 ENVIESADA



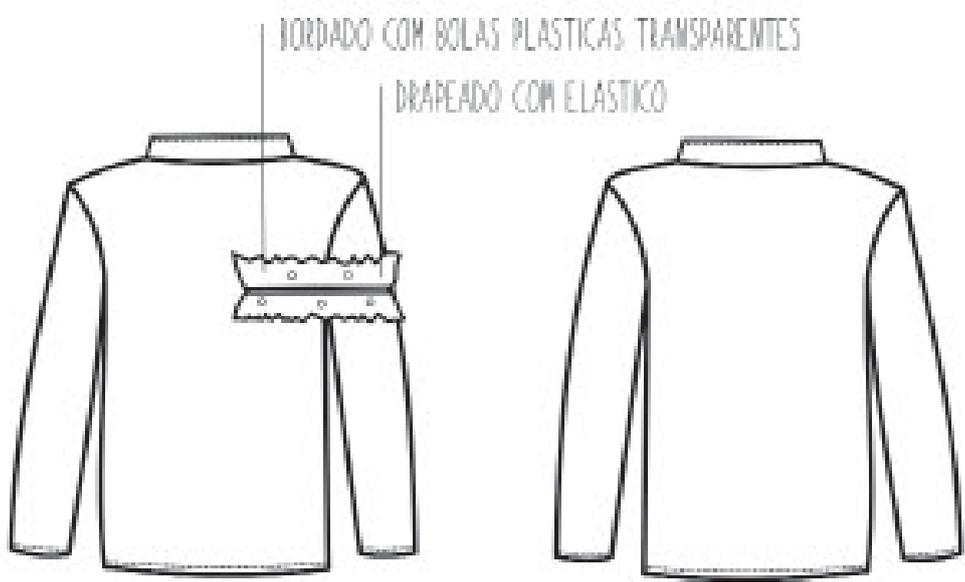
Calça bordada com elástico / clássico / bordado  
 Tecido: Suplex - 100% Poliéster - R\$ 32,00 kg

# look 3

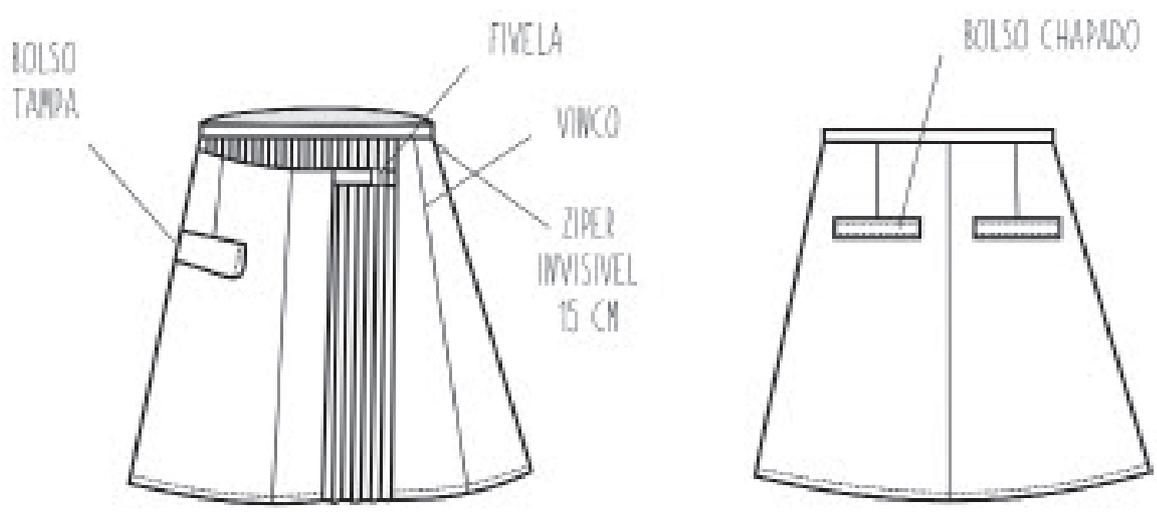




o outro eu  
 paty cordeiro

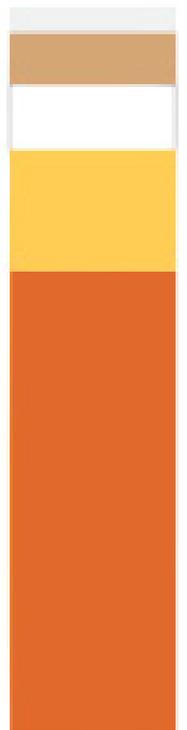
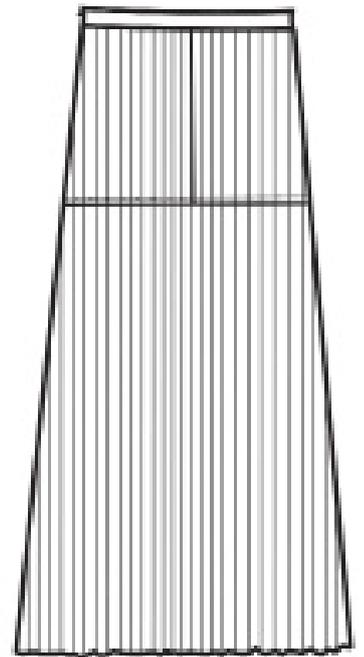
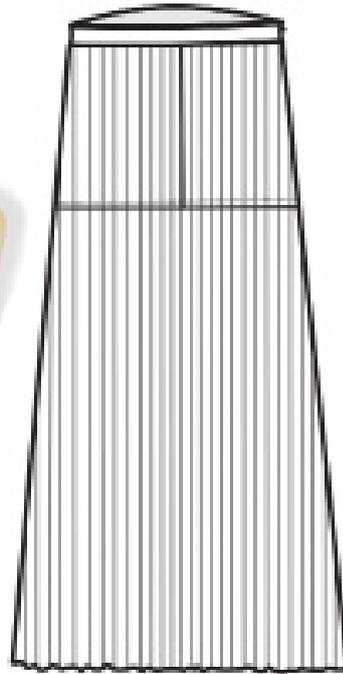
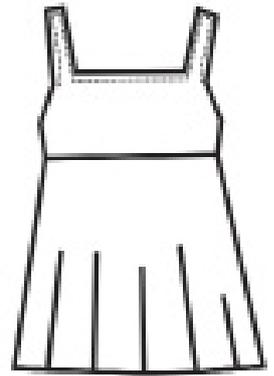
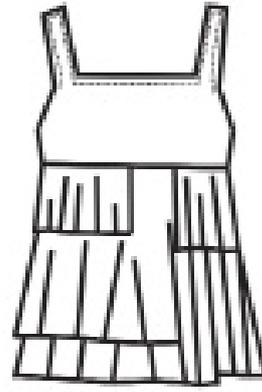
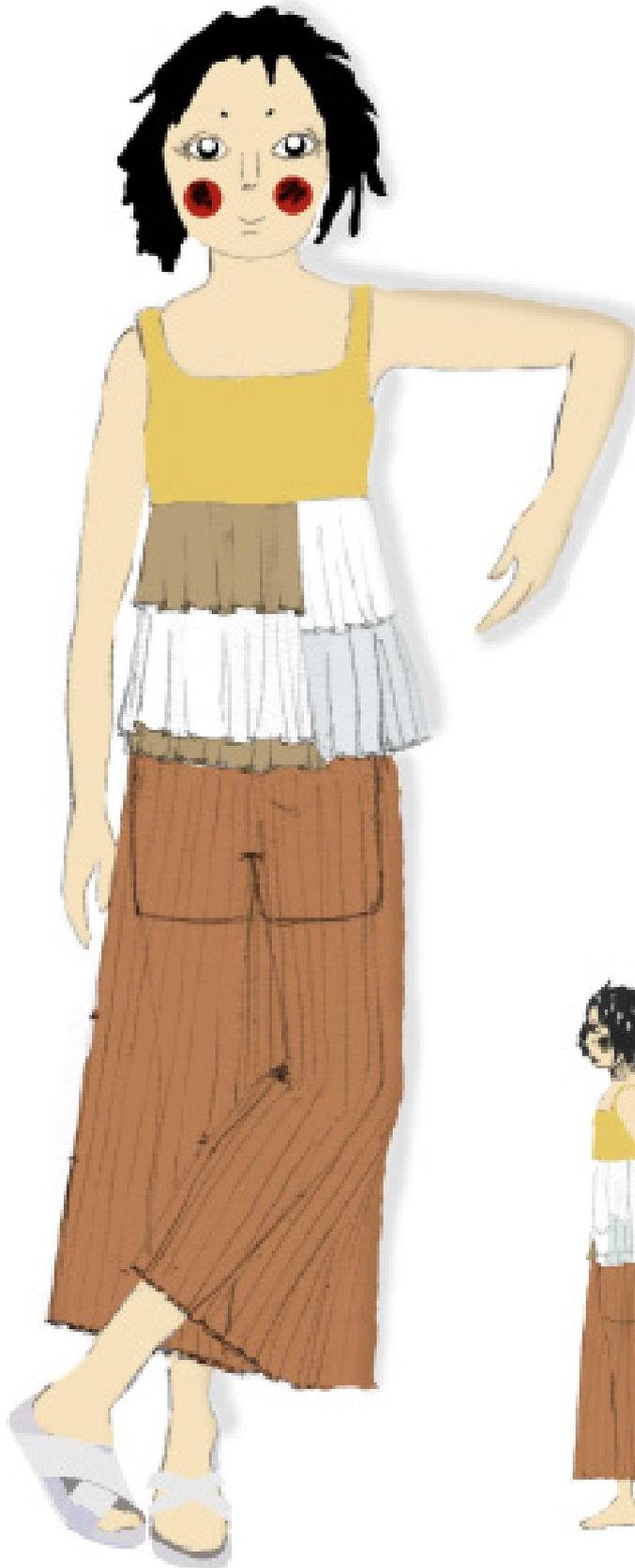


Blusa ajustada com drapeado aplicado no lado esquerdo / elástico 3 cm  
 Tecido: Crepe Borgalite - 70% Viscose, 30% Poliéster, 1% Elastano - R\$ 13,90 m  
 Museline - 100% Poliéster - R\$ 13,90 m



Saia com duplo tecido / Bolso Tampa frontal / Bolso chapado costas  
 Tecido: Feltro Luxuriosa - 100% Poliéster - R\$ 33,40 m  
 Crepe Brígido - 100% Viscose - R\$ 33,90 m

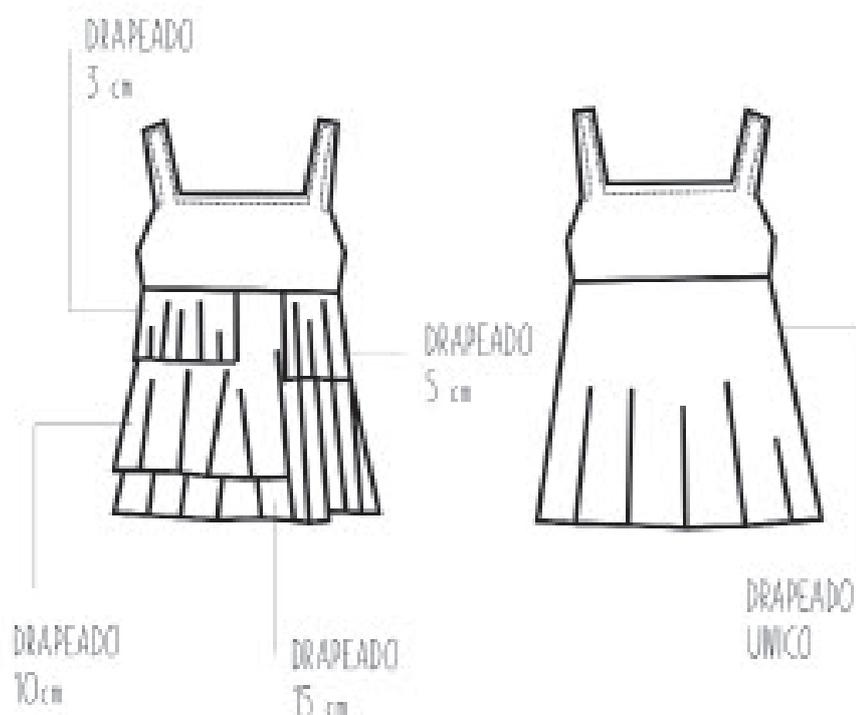
# look 4





**COCOON**  
by Paty Cordeiro

o outro eu  
paty cordeiro

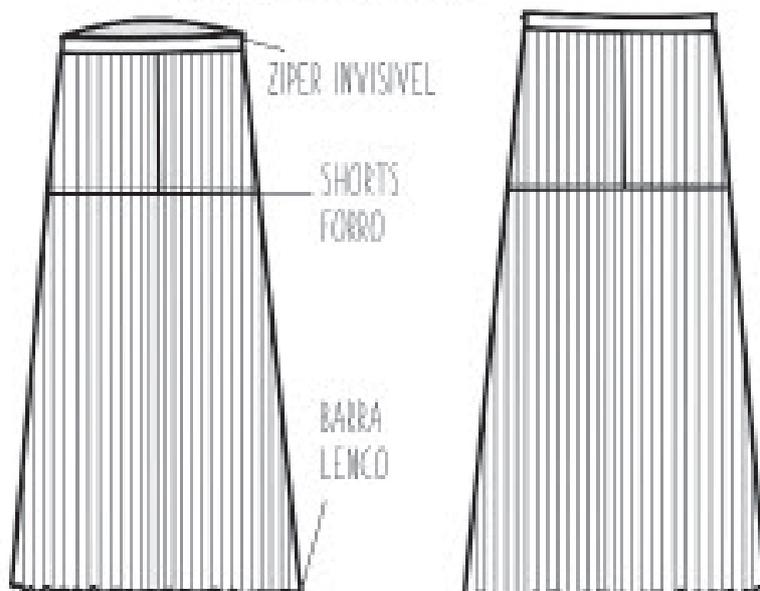


Regata com babado e drapeado

Tecido: Malanca - 100% Poliéster - R\$ 30,00 kg

Crope Borgalira - 78% Viscose, 20% Poliamida, 2% Elastano - R\$ 18,90 rs

Crope Borgalir - 100% Viscose - R\$ 22,90

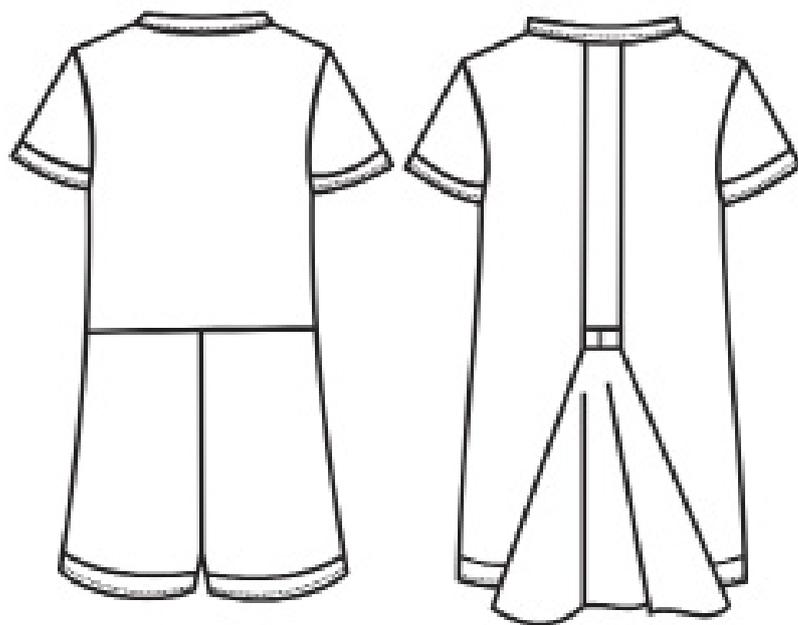


Saia plissada / zíper invisível / shorts como forro / barra lenço

Tecido: Mussoline Placeta e entrelaçado - 100% Poliéster - R\$ 19,00

Malanca - 100% Poliéster - R\$ 30,00 kg

# look 5





o outro eu  
paty cordeiro

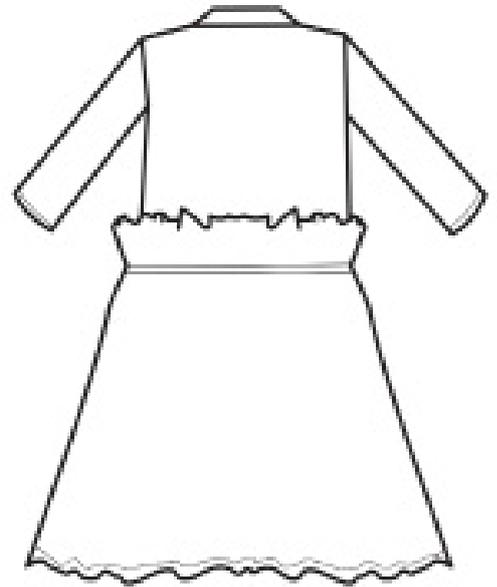
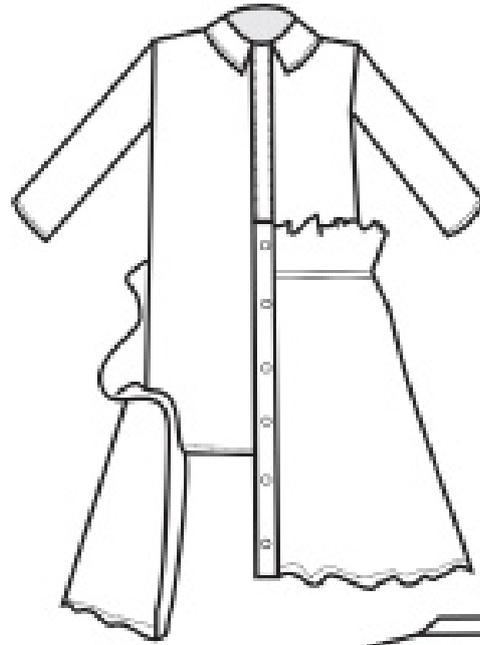


Macaquinha com saia embutida / recorte nas costas

Tecidos: Oxford - 100% Poliéster - R\$ 36,85 m

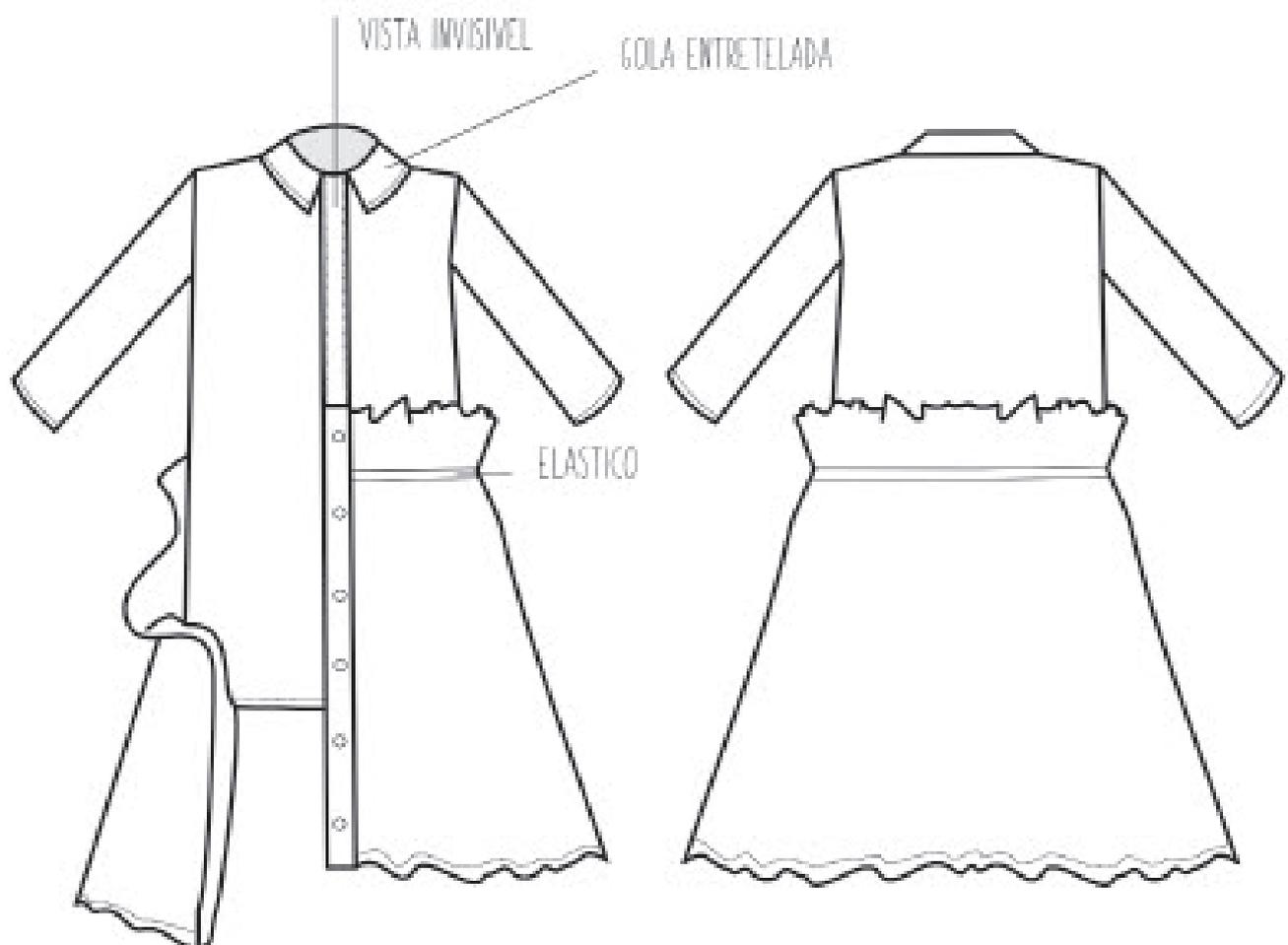
Musseline plissada - 100% Poliéster - R\$ 39,00 m

# look 6





o outro eu  
paty cordeiro



Camisa alongada com saia drapeada unida / vista invisível / elástico 5 cm / 6 botões

Tecidos: Helanca - 100% Poliéster - R\$ 32,00 kg

Tropical - 100% Poliéster - R\$ 11,75 m

Entretela colante - 75% Poliéster, 25% Viscose

# OS ACESSÓRIOS

As bolsas que farão parte dessa coleção, serão produzidas em acrílico, de cor original (transparentes) para transparecer as cores das peças e transportarem as memórias dos adultos pelas crianças que as usarão.

## MOCHILA

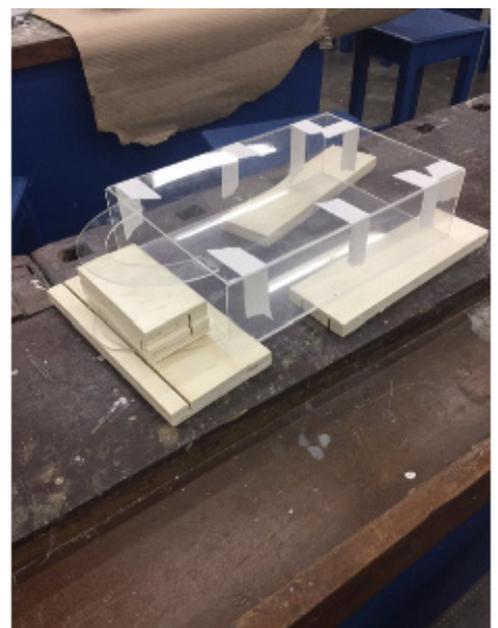
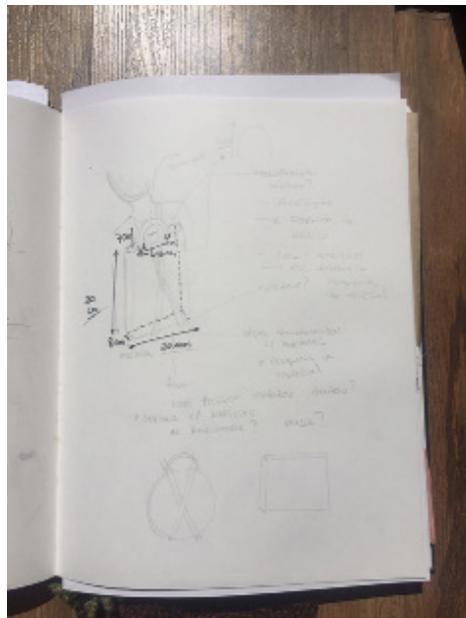
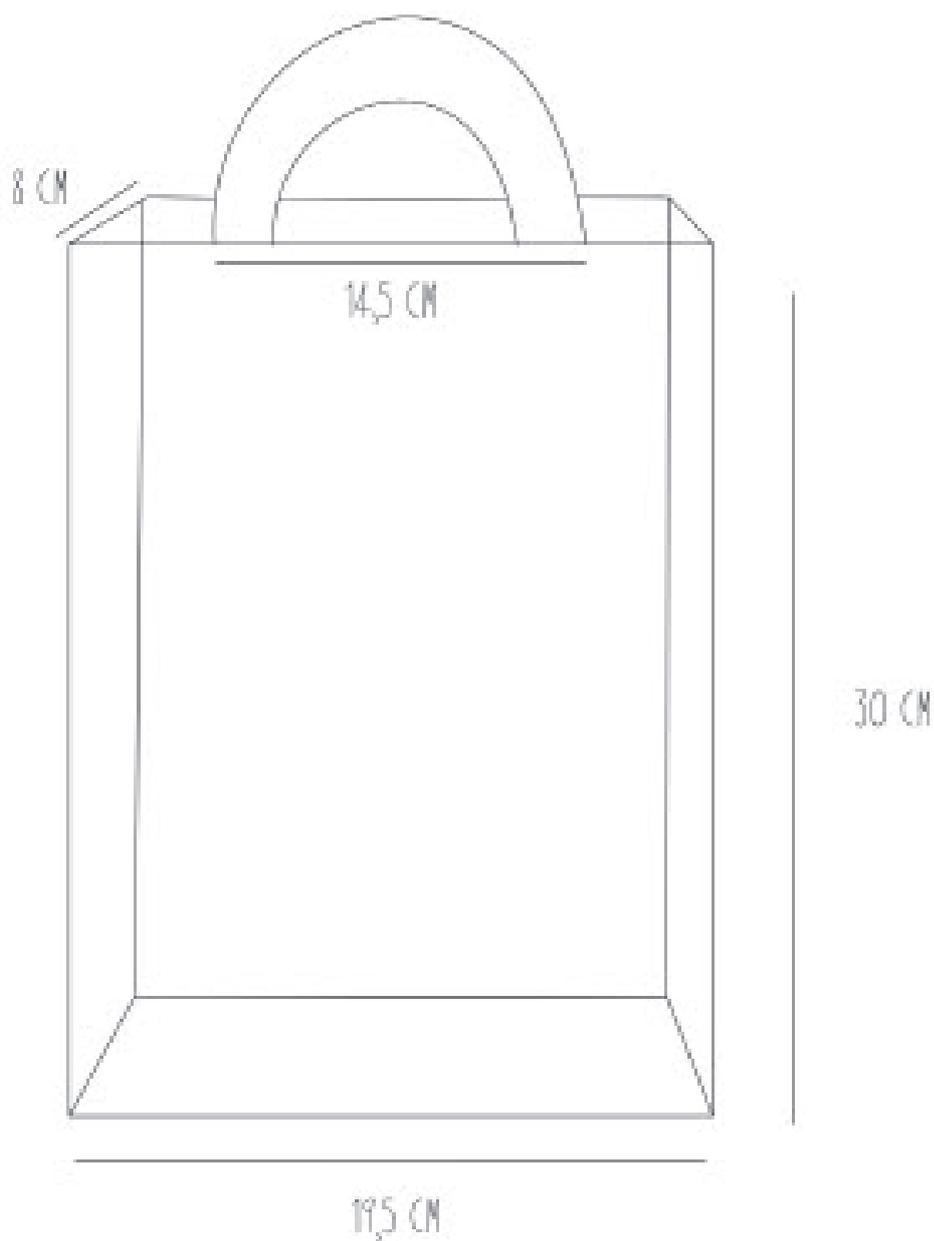


Imagem 19: caderno de experiências - projeto mochila  
Imagem 20 e 21: processo de construção



o outro eu  
paty cordeiro



Mochila em acrílico colada com cola acrílica/ Duas alças/ Alças removíveis

# CALÇADOS

Os calçados da coleção foram patrocinados pela loja Cherry by boaonda do Rio Grande do Sul.



*Cherry*   
by boaonda

# CAPÍTULO 4

# CASTING



Lin Yan  
altura 150  
manequim 14  
sapato 37



Arthur Marassato  
altura 150  
manequim 12  
sapato 36



Isac Carneiro  
altura 144  
manequim 12  
sapato 37



Heloisa Emanuelle  
altura 132  
manequim 12  
sapato 33



Geovanna Cunha  
altura 135  
manequim 12  
sapato 34



Lara Cristina  
altura 148  
manequim 12  
sapato 34

# CAPÍTULO 5

# BELEZA

A beleza é assinada por uma pele natural, com olhos com *glitter* em diversas posições, tanto para as meninas quanto para os meninos. Na boca das meninas, será feito o uso do *gloss* e a dos meninos natural.

O cabelo feminino é hora solto e desalinhado naturalmente e hora com algumas tranças assimétricas. O cabelo masculino será desalinhado naturalmente.







# CAPÍTULO 6

# IDENTIDADE VISUAL

O conceito da marca é a essência, delicadeza, memória e transformação. Isso justifica o logo da marca: o casulo e a lagarta.

A intenção da tipografia é colocar a intenção do pessoal, usando a estética manuscrita de fácil compreensão e legível.



# LOGO



TAG

MEDIDA  10x5cm

MATERIAL  ACETATO

TECNICA  IMPRESSAO



ETIQUETA

TAM 5X4 CM

TECNICA  TRANSFER

# CARTÃO DE VISITA



CARTAO DE VISITA

MEDIDA  6 X 5 CM

MATERIAL  COUCHE 300g

TECNICA  IMPRESSAO

# CABIDE

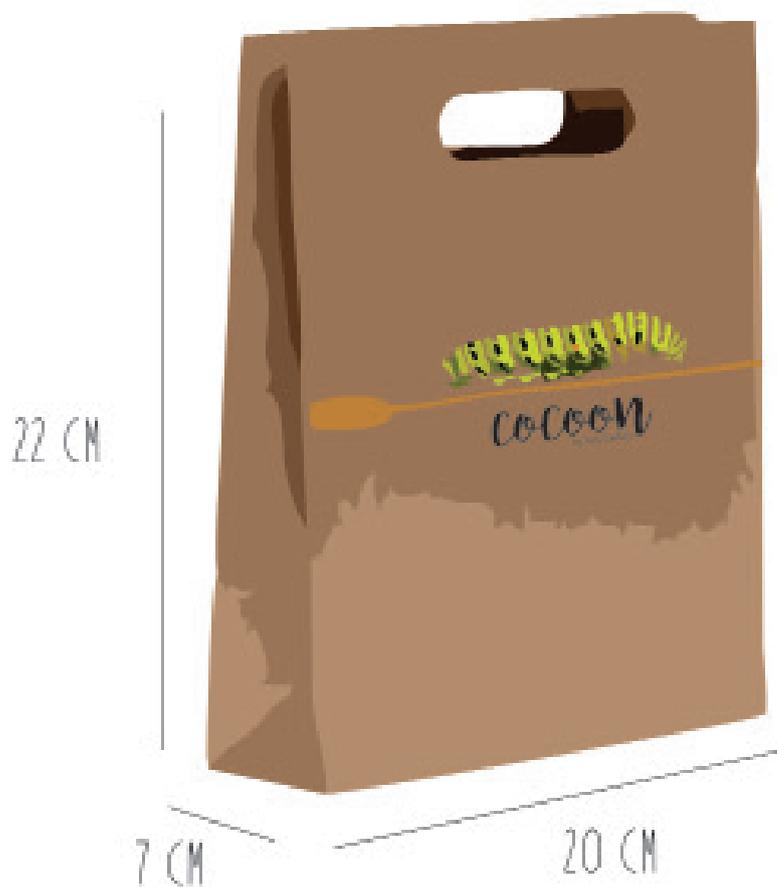


## CABIDE

MATERIAL  ACRILICO

TECNICA  ADESIVO

# SACOLA

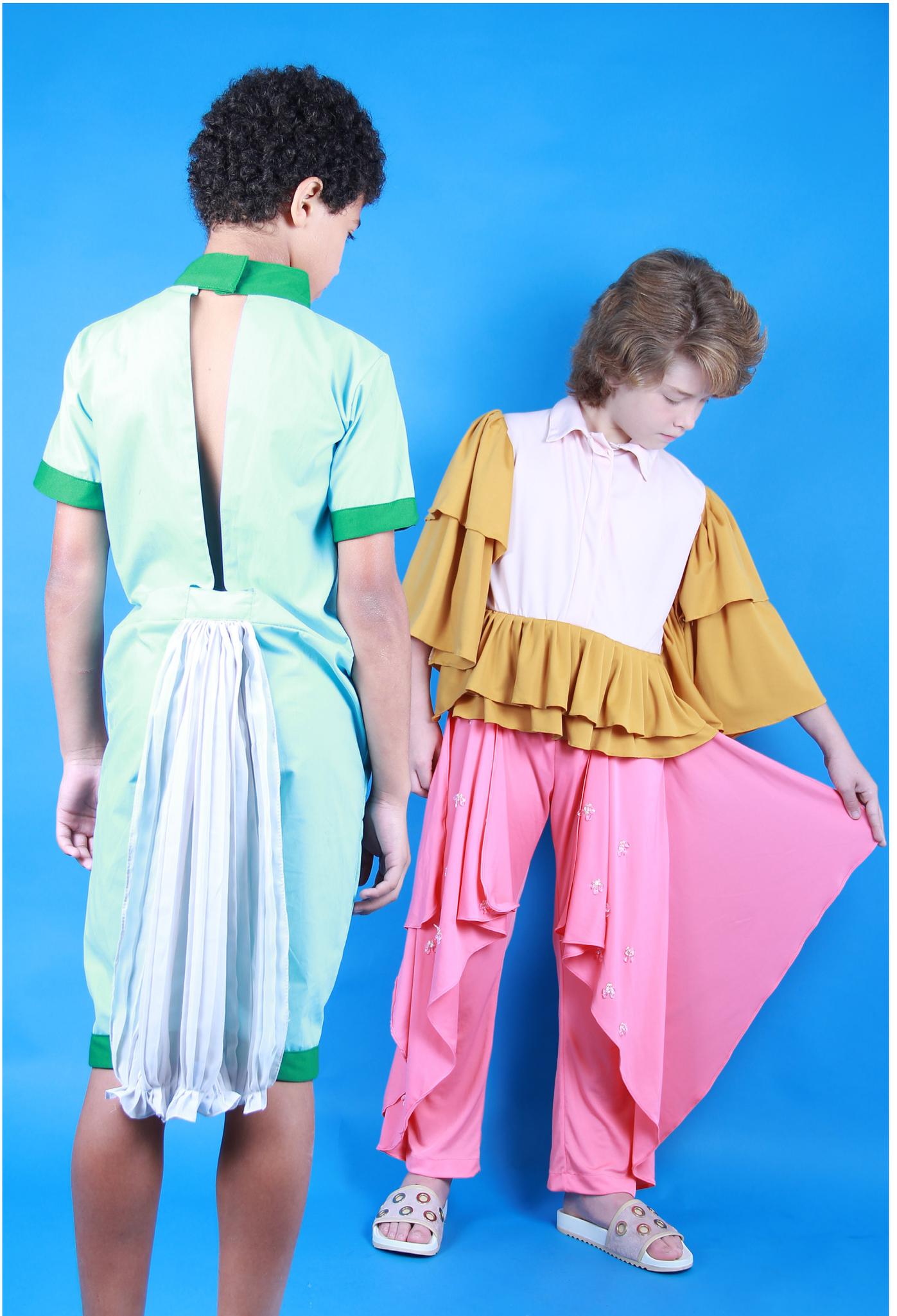


# EDITORIAL







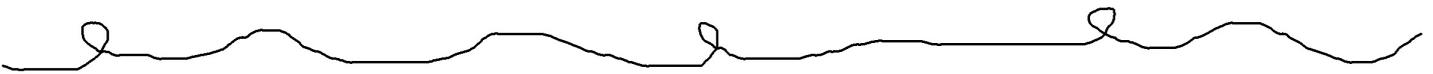






# LOOKBOOK







# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado ao fim do trabalho, podemos concluir que de fato, a infância é um tempo de descobertas, dores, provações e lutas constantes em busca da descoberta do que “eu sou”. A história de Paulette, a drag queen que foi estudada aqui é mais um dos exemplos de luta, superação e autoconhecimento que se inicia na infância e passa por tudo um ciclo de metamorfose até torna-se uma linda borboleta, cheia de certezas e grandiosidade, pois apenas é o que é hoje, pela constituição que deu-se quando era criança, assim acontece com muitos outros membros da comunidade LGTB.

Este ciclo foi estudado aqui, suas memórias de infância puderam ser transmitidas para a moda infantil, de modo com que o elo entre o passado e o presente se tornaram análogas entre a metamorfose das lagartas.

Toda a bibliografia utilizada pôde agregar ainda mais ao trabalho, principalmente as ilustradas, das quais a autora se baseia para criar um caderno ilustrativo e ambientalíssimo para trilhar e satisfazer-se com o trabalho.

Para a autora, todo o caminho do trabalho se tornou uma grande descoberta, modificando vertentes do tema, da estética e da essência, podendo fazer-se mais próxima do tema e transformando todo o trabalho. O que se espera para os leitores é uma transformação de pensamentos sobre as questões de gênero na infância, assim como ocorreu com a drag queen Paulette, assim como ocorreu com a autora, assim como a visão das crianças que enxergavam a lagarta como um bicho feio, assim como as lagartas se transforme em lindas borboletas. Transforme-se!

# BIBLIOGRAFIA

- AMORA, Soares. Minidicionário Soares Amora. São Paulo, 2012.
- ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. 9ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2009.
- BAUDOT, Francois. Moda do Século. Cosac & Naify, 2008.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais. São Paulo: Ministério da Educação, 2012.
- BIANCO, Marcela. A transformação das criança-lagartas. São Carlos, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, v. 2, 1998.
- BRYANT, M Wesen. Desenho de Moda - Técnicas de Ilustração Para Estilistas. Senac São Paulo, 2012.
- CARMO, Paulo Sergio do. Culturas da rebeldia: a juventude em questão. 2. ed. São Paulo: Senac, 2003.
- CARNEIRO, Ailton José dos Santos. A fabricação do homossexual. 2013. (Licenciatura plena em História) – Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Bahia.
- CATRACA LIVRE. Meninos ficam carecas e ensinam adultos a não ter preconceito. [03 mar. 2017, às 18h06]. São Paulo.
- CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. Título I, dos princípios fundamentais (1988).
- CONVENÇÃO da ONU sobre a Eliminação de todas as formas de discriminação racial (1966).
- CROWTHER, Kitty. Meu Amigo Jim. Cosac & Naify, 2007.
- DICIONÁRIO INFORMAL. Significado de Alter ego [acesso em 03 set. 2017] <http://www.dicionarioinformal.com.br/alter+ego/>
- ESPIN, Luciene Amor. A importância de trabalhar as questões raciais na ED. Infantil. Disponível em <http://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/11178/a-importancia-de-trabalhar-as-questoes-raciais-na-ed-infantil>. Acesso em 02 mar. 2017, as 10h.
- FOUCALT, Michel. História da sexualidade I: a vontade do saber. Rio de Janeiro, 1999.
- GEM, Collins. Dicionário Inglês e Português. São Paulo: Disal, 1996.
- GUSMÃO, Neusa M. M. Desafios da Diversidade na Escola. Revista Mediações, Londrina, v.5, n.2, p.9-28, jul./dez., 2000.
- JONES, Sue Jenkyn. Fashion design: manual do estilista. São Paulo: Cosacnaify, 2005.

KERN, Mônica Tonding. História da moda infantil no século XX: Revista do Globo. 2006. 76f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Design de Moda) - Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo, 2006.

LABATE, Fernanda. “Estou renascendo das cinzas, como uma fênix”, conta a drag queen Paulette Pink. Entrevista cedida ao site IGay.

LAKATOS, Marconi. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Editora Atlas, 2003, p. 221.

LOURO; FELIPE; GOELLNER. Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro, 2016.

LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação - Uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LURIE, Alison. A linguagem das roupas. Rio de Janeiro: Arte mídia Rocco, 1997.

MATHARU, Gurmit. O que é design de moda? Bookman Companhia ED. 2011.

MEYER, Dagmar. Culture teuto-brasileiro-evengélica no Rio Grande do Sul: articulando gênero com raça, classe, nação e religião. Revista Educação e Realidade, vol. 25, n.1, jan-jul., p. 135-162.

MORACE, Francesco. Consumo autoral. Estação das Letras e Cores, 2009, p. 37.

MUNDO ESTRANHO. Como a lagarta se transforma em borboleta. [acesso em 31 ago. 2017, às 21h]. 2016.

PALOMINO, Érika. A Moda. Ed. Publifolha. São Paulo, 2003.

PAULA, Marise Vicente de. Curso de especialização Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal de Goiás. Goiás, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade vol. 20, n.2, jul.-dez. Porto Alegre, 1995.

SILVA, Carmem Duarte et al. Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. Cadernos de Pesquisa, n. 107, jul., p.207-225. 1999.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Trabalhando a Diferença na Educação Infantil. Ed. Moderna, 127 P. 2008.

TOKITAKA, Janaína. Pode pegar! Boitempo, 1ª ed. São Paulo, 2017.

VIGOTSKI, L. S. (1996). Obras escogidas IV. Madrid, Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuciones

WALLON, H. (1975b.). As etapas da personalidade na criança. Em Wallon, H. Objetivos e Métodos da Psicologia. Lisboa: Editorial Estampa. (Trabalho original publicado em 1956).

WALLON, H. (2002). L'évolution psychologique de l'enfant. (11.ed). Paris: Armand Colin Éditeur. (Trabalho original publicado em 1941).

# FILMOGRAFIA

MOSS, Deborah. Como é possível falar sobre a homossexualidade com as crianças. [17 de março, 2017]. São Paulo. Record News. Entrevista cedida ao programa Link Record News.

Onde Vivem os Monstros. Direção: Spike Jonze. Produção: Tom Hanks, Maurice Sendak e Gary Goetzman. Interpretes: Max Records, Catherine Keener, Mark Ruffalo. Roteiro: Spike Jonze e Dave Eggers. Música: Carter Burwell e Karen O. Los Angeles: Warner Bros Pictures, 2009. 101 min, Color. Produzido por Warner Bros e KLG Film Festival GmbH.

# GLOSSÁRIO

Moodboard: é o conjunto de materiais, imagens e textos que pretendem projetar um estilo ou conceito particular.

Teen-nagers: adolescentes

Mind mapping: (mapa da mente) é o nome dado para um tipo de diagrama, sistematizado pelo psicólogo inglês Tony Buzan, voltado para a gestão de informações, de conhecimento e de capital intelectual; para a compreensão e solução de problemas.

Lantejoulas: pequena lâmina cintilante de metal, vidro ou plástico, com orifício para colocar a linha, que seve para enfeitar roupas.

Miçangas: conta de vidro pequena e colorida; enfeire para roupas.

e evolução.

BIANCO, Marcela. A transformação das crianças-borboleta. São Carlos, 2006.

# ANEXO

## A TRANSFORMAÇÃO DAS CRIANÇAS LAGARTA

Hoje, ao invés de um texto mais pautado nas teorias psicológicas, gostaria de dividir com vocês uma das histórias que vivi e acompanhei durante a minha trajetória profissional, e que ainda faz com que eu possa realmente acreditar em uma mudança significativa em crianças e jovens que passam por situações de vulnerabilidade social através de uma ação empática e criativa.

Há quase 10 anos, idealizei e desenvolvi com alguns amigos, um projeto que tinha como objetivo, através da arte da animação, melhorar a autoestima e estimular a inclusão digital de crianças de uma ONG que eu já conhecia como estagiária quando cursava a faculdade de Psicologia.

A empreitada durou um ano e inicialmente o que víamos, eram crianças que não acreditavam em si mesmas, em seus talentos e habilidades. Que desconfiavam dos adultos, especialmente quando eles a elogiavam ou acreditavam em seu potencial.

Certo dia, estávamos fazendo uma atividade na área externa da casa e de repente algumas crianças começaram a se alvoraçar em volta de algum bicho que havia surgido ali... me lembro delas exclamando:

- Mata! Mata! - Que bicho feio! - Credo, que nojo!

Quando me aproximei para ver o que era, percebi que era uma lagarta! Sua cabeça era bem maior que o resto do corpo e isso dava a ela, um jeito ainda mais monstruoso e desengonçado. Sentei ao lado das crianças e pedi para elas pararem um pouquinho para me escutar antes de matarem o "monstro".

Foi então que contei para elas a história da lagarta e da borboleta. De que aquele bicho aparentemente feio e esquisito, era na verdade um ser em pleno processo de transformação. Que em breve, ele sentiria a necessidade de parar de comer e rastejar e que então, se colocaria em alguma árvore ou parede e ali faria um casulo. Depois de um tempo,

ele ficaria totalmente diferente, seu corpo diminuiria e cresceriam asas em suas costas. E elas aumentariam tanto que sua força romperia o casulo e ela sairia voando, mas agora como uma linda borboleta. Quando terminei minha história, percebi ao meu redor um silêncio que não era corriqueiro. As crianças pareciam encantadas com aquela possibilidade de transformação. Algumas não acreditavam na minha história...mas, aí outras diziam: “A tia sabe!”

E então, ocorreu uma reviravolta! De condenada à sentença de morte, a “lagarta-monstra” passou a ser protegida, admirada, fotografada e celebrada!

A história passou, voltamos ao nosso trabalho e pouco a pouco fomos vendo as mudanças começarem a acontecer em nossas crianças. Elas não só passaram a aceitar os elogios que vinham de nós, como se mostravam mais participativas, autoconfiantes e afetivas.

Foi então que nos demos conta que, ao final de um ano de trabalho, outra reviravolta havia acontecido: nossas crianças tinham conseguido viver o símbolo da transformação dentro de si! Foram verdadeiros meninos e meninas-lagartas, que após um longo processo de reconhecimento dos próprios talentos, da assimilação de novos conhecimentos, da possibilidade de serem reconhecidas e aceitas por um Outro apesar das aparências e, também, de se aceitarem e se auto cuidarem, se transformaram em lindas borboletas prontas para alçar novos voos, agora com sonhos e inspirações.

Faz anos que não tenho notícias das minhas crianças-borboletas. Mas, desejo do fundo do coração que as mudanças que viveram durante àqueles nossos encontros tenham perdurado dentro delas e que hoje, suas almas sejam livres e batam asas mundo a fora para realizar seus potenciais de vida.

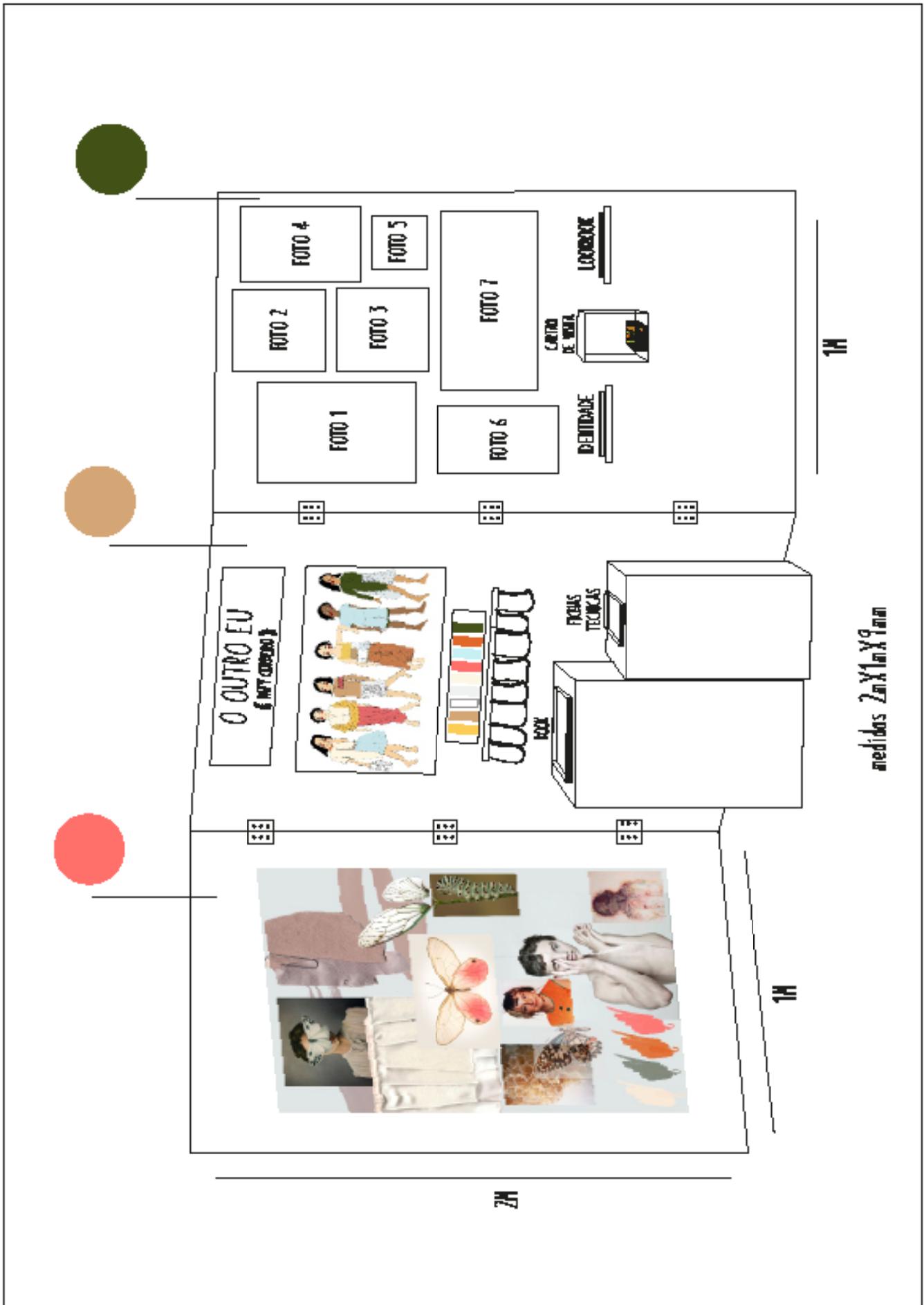
Quanto a mim, posso afirmar que essa experiência me transformou para sempre! Guardo em mim cada um de seus rostinhos, cada aprendizado e especialmente a esperança de que podemos fazer muito mais para construir o mundo que tanto idealizamos! Basta que olhemos para além das aparências, que acreditemos nos potenciais encobertos e que nos engajemos verdadeiramente em ações que valorizem a vida, ao invés de sentenciarmos à morte quem ainda está em franco processo de crescimento e evolução.

# ANEXOS



BANCA INTERNA

# PROJETO BANCA EXTERNA



medidas 2m X 1m X 1m

2M

1M

1M